



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**TALLITA ROSENDO BARBOSA**

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NAS OBRAS DE ESCRITORAS  
BRASILEIRAS: ENSINANDO HISTÓRIA ATRAVÉS DOS SABERES  
AFRO-BRASILEIROS.**

**CAMPINA GRANDE**

**2023**

TALLITA ROSENDO BARBOSA

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NAS OBRAS DE ESCRITORAS  
BRASILEIRAS: ENSINANDO HISTÓRIA ATRAVÉS DOS SABERES  
AFRO-BRASILEIROS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Universidade Estadual da Paraíba - Campus I, apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História, como cumprimento aos requisitos à obtenção do título de graduado em Licenciatura plena em História.

**Área de concentração:** História e Ensino

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Patrícia Cristina de Aragão

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B239r Barbosa, Tallita Rosendo.

A representação da mulher negra nas obras de escritoras brasileiras [manuscrito] : ensinando história através dos saberes afro-brasileiros / Tallita Rosendo Barbosa. - 2023.  
55 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão, Coordenação do Curso de História - CEDUC. "

1. Mulheres negras. 2. Literatura afro-brasileira. 3. Ensino de história. I. Título

21. ed. CDD 372.89

TALLITA ROSENDO BARBOSA

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NAS OBRAS DE ESCRITORAS  
BRASILEIRAS: ENSINANDO HISTÓRIA ATRAVÉS SABERES  
AFRO-BRASILEIROS.**

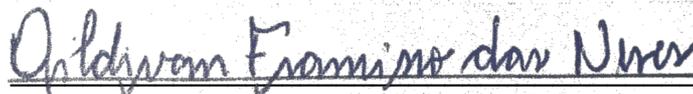
Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

Aprovada em: 23 / 11 / 2023.

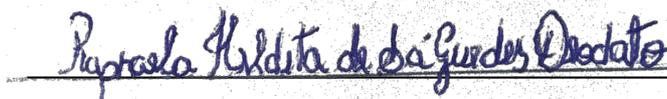
**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** PATRÍCIA CRISTINA DE ARAGÃO  
Data: 08/12/2023 11:02:54-0300  
Verifique em <https://validar.jti.gov.br>

Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr Gildivan Francisco das Neves  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Raphaela Hildita de Sá Guedes Deodato  
Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC)

Para a minha mãe e irmãs, que foram meu apoio e suporte no decorrer da caminhada desta graduação para que eu conseguisse contar a minha história. Segundo Chimamanda Ngozi Adichie “O silêncio das histórias não contadas ecoa tão alto quanto as palavras que já foram ditas”.

## AGRADECIMENTOS

É de extrema relevância, para mim, escrever acerca do ensino de história, principalmente quando está atrelado à escrita de uma mulher negra a qual tem uma grande potencialidade na literatura afro-brasileira. Minha adolescência sempre foi marcada por diversas literaturas, de muitos autores, sejam eles brasileiros ou americanos, e isso me incentivou, de certa maneira, a cursar história, fazendo interessar-me e tendo um olhar crítico sobre as várias nuances que nos apresenta a historiografia e, ainda por cima, observar como esta influencia a vida das pessoas. Sendo assim, sinto-me grata e honrada por falar daquilo que foi minha companhia por diversos momentos: a linda e maravilhosa literatura.

Primeiramente, agradeço a Deus e a Virgem Maria santíssima, por sempre me guiarem e serem minha força e rocha. Quando eu pensava em desistir ou quando a minha ansiedade falava mais alto e queria me sufocar, dizendo que eu não era capaz de fazer algo, Ele, com toda sua força divina e protetora, fez-me prosseguir no pequeno (e ao mesmo tempo grande) percurso de 4 anos e meio de curso de licenciatura em História, os 9 períodos mais difíceis, mas também mais felizes da minha vida, tendo em vista as conquistas e o amadurecimento não só acadêmico, mas também pessoal, que me fez ver o mundo com outros olhares, olhares estes que me fazem querer ser um pouco responsável pela mudança.

Agradeço também à minha família, à minha mamãe, Maria do Socorro Rosendo Barbosa, ao meu papai, Gilvan de Lima Barbosa (in memoriam), às minhas chatas e queridas irmãs, Tatiane Rosendo Viana e Tamires Rosendo Barbosa, e ao meu amor, que também é como família para mim, Bruno Gonçalves. Agradeço por me fazerem acreditar que eu sou capaz de qualquer coisa se eu mantiver a paciência e a dedicação.

As minhas amadas amigas de graduação e agora de vida, Kerllen Pereira, Juliana Guedes e Clara Silva, por cada conselho e companhia durante os seminários, provas, aulas ministradas e surtos com esta monografia. Caminhar com vocês é tudo de bom. A paz, alegria e afeto fizeram com que os ambientes da UEPB ficassem mais agradáveis do que naturalmente eram.

À professora Dr. Patrícia Cristina de Aragão, que me ensinou que a sala de aula é um lugar de conteúdos históricos, mas que também é um lugar de

compreensão, de empatia e carinho. Seus ensinamentos nos PIBICs, nos projetos de extensão e nas disciplinas, nas orientações em publicações de artigos e nos diversos simpósios temáticos apresentados fizeram com que a senhora fosse espelho do ser docente e contribuísse para minha caminhada acadêmica. Sou grata por nunca ter desistido de me ensinar e por sempre me incentivar.

Por fim, expresso minha gratidão a todos que, de alguma maneira, fizeram parte da minha trajetória de vida, na universidade ou na família. Vocês foram e continuarão sendo essenciais para minha vida e para que esse trabalho de conclusão de curso fosse feito. Muito grata por tudo. Desejo bênçãos na vida de cada um.

## RESUMO

Este trabalho discute a representação da mulher negra na sociedade brasileira através da literatura afro-brasileira de escritora negra. Assim, buscamos desconstruir, a partir de nossa reflexão sobre o preconceito e discriminação, a visão que ainda existe em relação a este segmento étnico e de gênero. Nossa proposta é enfatizar a afirmação da mulher negra e sua importância na formação histórica a partir do ensino da história e cultura afro-brasileira. Temos como objetivo, portanto, discutir o lugar e representação da mulher negra na escrita literária e a dimensão educativa de ensino de história e cultura Afro-brasileira na educação escolar. Tomamos como referência os estudos versados por Chartier (1985), Pesavento (2008), Conceição Evaristo (2017), Moreira e Candau (2010). Metodologicamente, partimos de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória, bibliográfica e documental; a fonte utilizada para este trabalho foi a literatura, tendo como aporte a obra “Becos da memória” de Conceição Evaristo. Consideramos que a escrita de mulheres negras têm o papel de educar principalmente na educação básica, sendo assim, a articulação entre a história e a literatura no campo educacional mostra possibilidades de se trabalhar a interdisciplinaridade, mas aponta também que a literatura tem a possibilidade de ensinar história e a cultura afro-brasileira conforme a Lei 10.639/2003 de uma maneira dialógica e crítica, mostrando que as narrativas de mulheres negras no Brasil, a partir da literatura, apresenta os lugares de luta e de conquistas. O estudo e a pesquisa realizados nos permitiram perceber que a fonte literária enriquece o diálogo com a história, permitindo-nos desenvolver ações educativas a partir da obra de Conceição Evaristo e ampliando nossa compreensão das questões históricas e sociais as quais moldam a experiência das pessoas negras.

**Palavras Chaves:** Mulheres negras; História. Literatura; Ensino de história; Afro-brasileiras.

## ABSTRACT

This work discusses the representation of black women in Brazilian society through Afro-Brazilian literature by black writers. Thus, we seek to deconstruct, based on our reflection on prejudice and discrimination, the view that still exists in relation to this ethnic and gender segment. Our proposal is to emphasize the affirmation of black women and their importance in historical formation through the teaching of Afro-Brazilian history and culture. We aim, therefore, to discuss the place and representation of black women in literary writing and the educational dimension of teaching Afro-Brazilian history and culture in school education. We took as a reference the studies written by Chartier (1985), Pesavento (2008), Conceição Evaristo (2017), Moreira and Candau (2010). Methodologically, we started with qualitative exploratory, bibliographic and documentary research; The source used for this work was literature, with its contribution being the work "Alleys of Memory" by Conceição Evaristo. We consider that the writing of black women has the role of educating mainly in basic education, therefore, the articulation between history and literature in the educational field shows possibilities of working on interdisciplinarity, but also points out that literature has the possibility of teaching Afro-Brazilian history and culture according to Law 10,639/2003 in a dialogical and critical way, showing that the narratives of black women in Brazil, based on literature, present the places of struggle and achievements. The study and research carried out allowed us to realize that the literary source enriches the dialogue with history, allowing us to develop educational actions based on the work of Conceição Evaristo and expanding our understanding of the historical and social issues that shape the experience of black people .

Keywords: Black women; History. Literature; History teaching; Afro-Brazilians.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA ESCRITA LITERÁRIA DE ESCRITORAS NEGRAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES.....	13
<b>2.1 A Condição da mulher negra no Brasil: trajetórias históricas e     culturais.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2 Escrita literária e escritoras negras: Conceição Evaristo.....</b>	<b>21</b>
3. A LITERATURA DE MULHERES NEGRAS E O LUGAR DA MULHER NEGRA NO ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA.....	27
<b>3.1 A obra becos da memória - apresentando as memórias de pessoas     negras na favela.....</b>	<b>28</b>
<b>3.2 O ensino de história e cultura afro-brasileira em becos da memória de     Conceição Evaristo.....</b>	<b>45</b>
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	52

## 1 INTRODUÇÃO

A escrita de mulheres negras é uma possibilidade de resistência e afirmação, desafiando caminhos para analisar e discutir a inclusão e justiça social de maneira equânime. Ao enxergar isso, a literatura como fonte pode ser utilizada no ensino de história, contribuindo, desse modo, para a aprendizagem histórica. Nesse cenário, a autoria literária de mulheres negras é relevante para se compreender as experiências de vida do povo negro e, em particular, de mulheres negras a partir da escrita literária, salientando que as escritas vão além das narrativas, pois viabilizam demandas culturais e históricas, redefinindo os lugares de pertencimentos da população negra na sociedade brasileira.

O ensino interdisciplinar através do diálogo entre a história e a literatura de mulheres negras possibilita uma leitura histórica a partir de uma linguagem multifacetada da escrita para além do cânone. Este tipo de escrita aborda questões relativas a memórias, temas sociais e políticos, que são primordiais para compreensão dos alunos do ensino médio, salientando que a escrita literária de mulheres negras no campo do ensino de história pode propiciar um estímulo, empatia e inclusão entre os jovens, pois conscientiza os discentes sobre as lutas e conquistas do povo negro, a partir das mulheres.

Tendo em vista esse cenário, temos como objetivo geral o de discutir o lugar e representação da mulher negra na escrita literária e a dimensão educativa de ensino de história e cultura afro-brasileira na educação escolar. Como objetivos específicos, propomos: (1) discutir o lugar da mulher negra escritora no contexto da cultura afro-brasileira e suas representações no campo literário; (2) problematizar o ensino de história e cultura afro-brasileira tendo como base as propostas da Lei 10.639/2003, 20 anos após a sua implementação, mostrando a influências desta na construção do saber histórico escolar no ensino médio; e (3) abordar a dimensão educativa da obra *Becos da Memória*, de Maria da Conceição Evaristo, apresentando o fato de que este tipo de escrita educa no contexto do ensino de história.

A escolha por esta pesquisa partiu de minha trajetória na Universidade Estadual da Paraíba, a partir de discussões que tive acesso no curso, como os debates que envolviam os povos negros no terceiro período. Assim, passei a

participar de palestras, cursos, extensão e iniciação científica, os quais eu não irei citar todos, mas faço questão de nomear, neste trabalho, os que foram essenciais para o meu amadurecimento acadêmico.

Em meados de 2020, fui voluntária do projeto de extensão “Navega(arte) nas confluências dos saberes históricos: cinema, música e literatura em práticas de formação extensionista em ambientes virtuais”, no qual apresentei um simpósio temático articulando a interdisciplinaridade da história com a literatura sobre as meninas negras e o cabelo como forma de resistência.

Em seguida, fui convidada a fazer parte de outro projeto de extensão como bolsista, também em 2020-2021, que me influenciou a compreender as juventudes e as suas formações de mundo, o projeto “Educa(ação) das juventudes: experiências de formação em práticas de extensão”. Neste, apresentei simpósios temáticos que versavam sobre os jovens em vulnerabilidade social, no qual eu pude me aprofundar e compreender como está sendo formada a sociedade.

Mais adiante, fiz parte da iniciação científica pela CNPq, com o projeto nomeado “Juventudes, sementes de Baobá: identidade e narrativa de negritude na ecologia do espaço universitário” e, no caminhar da pesquisa, tive uma inquietação acerca de como a evasão escolar no Brasil é grande e poucos negros(as) conseguem chegar à universidade e, mesmo com as ações afirmativas de cotas raciais, muitas pessoas desistem de seus cursos.

Isto ocorre tanto por falta de recursos, devido ao fato de terem que manter uma casa para sobreviver, quanto por não se sentirem representados no currículo e, conseqüentemente, tomarem novos caminhos. Desse modo, é notável observar que as pessoas que chegaram às universidades tiveram uma grande conquista, mas também é necessário problematizar o fato de muitos outros não chegarem nem a ter oportunidade de fazer exames de seleção e permanência na educação básica. A partir disso, fiquei ainda mais pensativa sobre o tema do meu estudo e pesquisa para finalização do curso.

Logo após isso, fui convidada para outro projeto de iniciação científica, o qual foi financiado pela instituição FAPESQ e que fechou a minha trajetória acadêmica, intitulado “Escritoras negras em narrativas que educam sobre a África e os Afro-brasileiros”. Como pode ser observado no título deste trabalho de conclusão de curso, não é difícil perceber que eu me apeguei a esta pesquisa de iniciação científica.

Sempre que eu falo desta pesquisa, digo que este projeto é o da minha vida acadêmica, pois consegui sanar algumas de minhas inquietações e elaborar ainda mais destas, tendo em vista que história é o movimento das coisas. Todas as leituras feitas pelos teóricos e também as diversas obras literárias escritas por mulheres me fizeram pensar que a educação básica precisa conhecer o potencial que é aprender por meio da literatura e da história e, principalmente, dando visibilidade à representação das mulheres escritoras.

Em meio a estas escritas, tive um contato mais aprofundado com a autora Maria da Conceição Evaristo Brito, grande literata no meio acadêmico e fala sobre as escritas de vida, ou seja, a *escrevivência*. Assim, torna-se importante inserir, neste trabalho, a trajetória da autora Conceição Evaristo e as nuances da sua biografia.

Nessa conjuntura, escolhi o livro "Becos da memória" (2017), o qual possui um prefácio escrito pela própria Conceição Evaristo, que conta a história da construção do livro<sup>1</sup>. O livro aborda, desse modo, as ficções da memória, inspiradas em vidas reais e as vivências da sociedade na favela. Ao começar o livro, pode-se observar que a sua estrutura é fragmentada e, ao final, as histórias vão se encontrando como uma grande memória coletiva. Na parte final, há dois posfácios: o primeiro, apresentado por Simone Pereira Schmidt e o segundo apresentado por Maria Nazareth Soares Fonseca.

"Becos da Memória", de Conceição Evaristo, apresenta uma série de personagens que isolam a vida na favela, enquanto compartilham suas histórias. O livro é narrado por Maria-nova, uma jovem que ouve as narrativas das pessoas da comunidade. A trama abrange três gerações de sua família, incluindo a própria, a mãe Joana, a tia Maria-velha e o tio Totó.

Através de suas experiências, o livro revela as histórias de vida transmitidas ao longo das gerações, abordando as dificuldades, alegrias e tristezas de viver na favela. Entre outros personagens notáveis, há Vó Rita, uma idosa que desempenha um papel crucial na comunidade, sendo lembrada por sua generosidade, memórias, cultura e sabedoria.

Metodologicamente, partimos de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória, tendo em vista que esta pesquisa buscou entender a profundidade detalhada sobre as memórias das mulheres negras na obra *Beco de memórias*, explorando e

---

<sup>1</sup> O romance foi escrito em 1968, mas só teve sua primeira edição publicada no ano de 2006.

descrevendo, para observar os conteúdos e se aprofundando sobre as problemáticas que existem nas favelas.

Buscamos dialogar com a literatura no ensino de história, articulada com uma pesquisa bibliográfica e documental as quais serviram de base para concretizar esta pesquisa. Aqui, foram utilizados, como aporte teórico, os autores Chartier (1985), Pesavento (2008), Conceição Evaristo (2017) e Moreira e Candau (2010). Neste passo, consideramos a fonte literária “Becos da Memória” enquanto uma linguagem que materializa a história e os discursos presentes no contexto da narrativa. Além da obra literária como fonte, também serão abordadas as legislações, a exemplo da lei 10.639/2003 e diversos documentos bibliográficos.

Além desta introdução e das considerações finais, este trabalho está organizado em dois capítulos e cada um deles tem dois tópicos. O primeiro é denominado “A representação da mulher negra na escrita literária de escritoras negras: desafios e possibilidades”. Nesta etapa, será abordado o percurso da história da mulher no Brasil, articulando com a interseccionalidade de raça, classe e gênero. Logo em seguida, neste mesmo capítulo, haverá uma discussão acerca da escrita literária e sua relevância tendo como base a escritora Conceição Evaristo.

No segundo capítulo, nomeado “A literatura de mulheres negras e o lugar da mulher negra no ensino de história e cultura afro-brasileira” será discutido, no primeiro tópico, a favela em diálogo com a análise da literatura “Becos da Memória”. Por último, observaremos como será apresentado, através da lei 10.639/2003, que é possível ensinar aos estudantes do ensino médio a possibilidade de construir um olhar mais crítico com a literatura no campo de ensino de história.

## 2 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA ESCRITA LITERÁRIA DE ESCRITORAS NEGRAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

“O ponto de vista alternativo ainda é uma verdade fundamental e necessária: não há amor onde há dominação” (Hooks, 2021)

Neste capítulo, faremos uma reflexão em torno da mulher negra no Brasil, tendo os desafios e possibilidades que foram objetivados ao longo do tempo histórico em um diálogo entre o passado e o presente. Primeiramente, apresentaremos a condição da mulher negra no Brasil, na qual será abordada a discussão sobre o que é ser negro/a em uma sociedade de herança colonial, escravocrata, capitalista e racista, em que são percorridos preconceitos e subordinações por causa das representações que lhes foram determinadas e que, até os dias atuais, é possível enxergar os resquícios dessa herança pautadas em preconceitos e discriminações.

Em virtude destes aspectos, analisaremos como a estrutura patriarcal influenciou a inferiorização da mulher negra. Dando prosseguimento, ponderaremos as questões de gênero, classe e raça a partir do foco na interseccionalidade e da luta das mulheres negras no contexto do feminismo pelos direitos de igualdade na sociedade.

Num segundo momento, abordaremos a relevância das escritas literárias das mulheres negras na literatura, enegrecendo as entrelinhas da cultura afro-brasileira, mostrando a relevância que esta teve para a historiografia reverberar os fatos por meio do viés literário e abordando a relevância da escola de Annales, que permitiu que a interdisciplinaridade e a história cultural nos concedesse a compreensão de aspectos no debate entre as possibilidades de se estudar história. Assim, há a percepção de se trazer caminhos investigativos para se estudar história e literatura, sabendo que, com a escola de Annales a partir do século XIX, tem-se uma ampliação das vertentes historiográficas (BLOCH, 2001).

A história e a literatura entram em um debate com a Nova História Cultural abordando a sua interdisciplinaridade. Tendo este cenário como base, será apresentada uma breve biografia da autora Conceição Evaristo, escritora negra que tomamos como evidência em nosso trabalho e cujos trabalhos desenvolvidos na literatura consistem numa importante escrita do povo negro. Evaristo elaborou a

expressão e concepção de *escrevivências* apresentando suas concepções sobre a trajetória das mulheres negras. Acrescentamos também, em nossa discussão, as principais obras escritas por ela, mostrando seus caminhos e trajetórias de vida.

## **2.1 A Condição da mulher negra no Brasil: trajetórias históricas e culturais**

Ser negro no Brasil é um grande desafio, pois constantemente, esta parcela da população é alvo de discriminações, preconceitos e racismo. De acordo com Santos (2000, p. 3), “Ser negro no Brasil é frequentemente ser objeto de um olhar vesgo e ambíguo”. Sendo assim, precisa-se enxergar os problemas que ainda existem nos dias atuais em relação a ser negro, sobretudo quando se é uma mulher negra na sociedade brasileira, tendo em vista os olhares pejorativos que se foram construídos desde a colonização e foram perpassando esta visão da relação estrutural da sociedade a qual fizeram com que as mulheres negras sempre estivessem abaixo da sociedade e vistas apenas para a exploração, sendo ela de cunho físico ou sexual.

Neuza Santos Souza, em seu livro *Torna-se negro* (1983) traça algumas vertentes sobre ser negro no Brasil, apontando que, por muitas vezes, existia uma psicologia reversa em uma sociedade branca que ditava tudo aquilo que o negro deveria fazer. Desse modo, o corpo negro era negligenciado, sendo assim uma construção social de prática. Tal prática também englobava a apropriação de discursos, fazendo com que com que se tenha um corpo ideal na sociedade.

Nas palavras de Souza (1983, p. 64), “O ideal do ego é, portanto, a instância que estrutura o sujeito psíquico, vinculando-o à lei e à ordem”. Desse modo, socialmente e politicamente, a ordem e lugar de fala estavam pautados a partir dos homens brancos, e, por isso, ser negro(a) no Brasil se tornou algo pejorativo. Em consequência, muitos negros e negras foram *se tornando* negros(as), isto é, começaram a enxergar os racismos, as desigualdades e a buscar melhorias por meio das suas lutas, das suas vivências. Além disso, houve a possibilidade de sair dessa construção do ideal que era dito, pois o ideal a partir desse momento, tornou-se o ser e compreender os seus espaços no mundo por meio do social.

As formações sociais foram feitas sem que as mulheres pudessem ter lugar de fala. Por conseguinte, enxerga-se uma problemática em relação a isto, tendo em vista a opressão que esta estrutura trouxe para as mulheres negras perante as

classes marginalizadas. Segundo Lima (2002, p. 243), “A vida das mulheres negras é constituída historicamente por múltiplas opressões que além de relegar essas mulheres aos piores índices sociais, invisibilizam seus contextos de opressão”. Dito isto, vê-se o quanto é recorrente as desigualdades vinculadas à mulher negra, estabelecendo-se, portanto, como uma concepção histórica. De acordo com Souza,

Na ordem social escravocrata, a representação do negro como socialmente inferior correspondia a uma situação de fardo. Entretanto, a desagregação desta ordem econômica e social e sua substituição pela sociedade capitalista tornou tal representação obsoleta. A espoliação social que se mantém além da abolição busca, então, novos elementos que lhe permitam justificar-se. E todo um dispositivo de atribuições de qualidades negativas aos negros é elaborado com o objetivo de manter o espaço de participação social. (SOUZA, 1983, p. 20).

A sociedade buscou por muito tempo uma representação do negro(a) de maneira negativa, na qual o percurso histórico mostra a inferiorização dessas pessoas. Quando o negro(a) buscava uma forma de ascender socialmente, sempre teriam empecilhos por causa da cor da sua pele e também pela visão pejorativa em torno dessa demanda social, sendo assim, não poderia fazer parte da sociedade, cabendo salientar que quando se fala a palavra negro, abrange-se tanto homens quanto mulheres. Porém, o objeto de pesquisa central de nosso estudo é o lugar das mulheres na historiografia.

O Brasil foi construído socialmente entrelaçado por representações. Com isso, a mulher negra sempre foi muito estereotipada, processo que ocorre desde a colonização, na qual se enxergava a cor como sinônimo de sexualização, a qual precisaria sempre ser submissa ao homem, ou seja, o paradigma do sexismo foi e ainda é um grande problema para as mulheres, inferiorizando-a e discriminando-a só devido ao gênero feminino e à cor da sua pele.

O processo histórico das mulheres negras é pautado por lutas pelo direito à igualdade. Assim, as lutas feministas negras têm reivindicado o distanciamento de tais ideias, lutando pelos direitos de igualdade independentemente do lugar que está inserido na sociedade e da sua raça. Sabe-se que o ideal de raça foi criado por causa de imposições do patriarcado para estarem acima de mulheres negras na sociedade, ditando tudo aquilo que ela precisava e deveria fazer. Segundo Oliveira e Camargo,

A definição de raça como uma construção social implica a denúncia da existência e atuação de um sistema complexo de hierarquização social que utiliza características biológicas específicas como marcadores de diferenças e desigualdades entre grupos. (OLIVEIRA; CAMARGO 2013, p. 2)

Dito isto, o fenótipo foi uma das influências da construção social para fazer a hierarquia de corpos e definir as diferenças que influenciam diretamente a identidade dos grupos existentes, em que as mulheres negras são identificadas como as que mais sofrem com a desigualdade social, econômica, política e educacional. O sistema de subordinação pauta as diferenças e a construção das identidades das mulheres negras, tendo em vista que ambas não estão desassociadas por causa da realidade e como foram se moldando por determinadas imposições impostas culturalmente. Porém, entende-se as multimedializações oferecidas para essa construção expressando o que a raça traz em função desta construção social errônea e com várias lacunas.

Evidentemente, pode-se educar em relação a esta visão eurocêntrica imposta desde o período da escravidão até os dias atuais, que perdura, por exemplo, também no capitalismo por meio da relação de trabalho que – em uma relação de causa e consequência – também produz um tipo de opressão, determinando o que as mulheres devem ou não fazer categoricamente nos meios econômicos, tirando o direito de ir e vir dessas pessoas, no qual se estabelece um racismo patriarcal que, no Brasil, ainda é recorrente.

A história das mulheres é uma área de estudo que se concentra na pesquisa, análise e compreensão da experiência feminina ao longo do tempo. Ela envolve a formulação de narrativas, a produção de conhecimento e a exploração de perguntas complexas relacionadas à vida e ao papel das mulheres na sociedade. Dentro da historiografia da cultura feminina, a questão do sexismo desempenha um papel central, pois ajuda a identificar como as estruturas sociais muitas vezes perpetuam a ideia da superioridade masculina.

A historiografia da cultura feminina examina como as sociedades historicamente demarcaram os papéis sociais dos indivíduos com base no gênero. Isso inclui a análise das maneiras pelas quais as mulheres foram frequentemente relegadas a posições subalternas, especialmente nos campos econômico, político e educacional. Através desse estudo, podemos entender melhor como as normas de

gênero e o sexismo moldaram a história das mulheres e como as mulheres resistiram e contribuíram para as mudanças ao longo do tempo.

Assim, marca-se a desigualdade em relação aos sexos, por isso, o debate que individualiza o sexismo na sociedade também precisa ser discorrido por outros vieses, principalmente devido ao fato de a ausência da mulher fazer com que a cultura feminina criasse uma visão totalmente de subordinação. Neste passo, Certeau afirma que “Os silêncios, as ausências, usos específicos articulam estes conflitos que, sucessivamente, legitimam, deslocam ou controlam a razão do mais forte” (1995, p. 18). Em função das ausências, faz-se necessário reconstruir algumas representações que marcam os conflitos entre os discursos sexistas nos espaços. Nesta perspectiva, tomamos como itinerário as concepções de representação em Chartier, ao mostrar que

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termo de perder e de dominação” (CHARTIER, 1985, p. 17)

Com base nesta premissa, enfatizamos que o social sempre foi dito de forma representativa por um grupo que diz ser superior, legitimando as classes subalternas e as silenciando, fazendo estratégias para o apagamento de diversas escritas. Isso se dá justamente para dominar, compondo, por meio disso, a repressão das mulheres negras na sociedade.

Conseqüentemente, a condição da mulher negra afro-brasileira precisa ser vista, em virtude de que seus conhecimentos são importantes e eles educam. Para educar numa perspectiva de desconstrução de estereótipos, é necessário problematizar a representação deturpada desta afro-brasilidade. Então, é relevante e se faz necessário mostrar a importância da mulher negra no Brasil e suas contribuições para a historiografia brasileira por meio da história das resistências e a busca de uma nova condição, demonstrando que o feminismo é necessário para as estruturas serem mudadas. Porém, deve-se compreender também que a realidade

brasileira ainda vem de uma história colonial, racista, sexista e de extrema pobreza (CRIOLA, 2021. Apud LIMA, 2022):

As mulheres negras representam 39,8% da extrema pobreza e 38,1% da pobreza; lideram as taxas de desemprego e de subutilização, 18,2% e 40,5% respectivamente; representam 68% das mortes maternas e 47,9% das internações por aborto contra 24,8% entre as mulheres brancas; são maioria entre mulheres encarceradas e vítimas de homicídios (LIMA, 2022, p.2)

A mulher negra na sociedade brasileira sofre múltiplas intolerâncias que perduraram por muito tempo e que precisam ser modificadas, sabendo que a luta do feminismo para o direito das mulheres é primordial, mas que se deva entender que o feminismo não está desassociado do gênero, da raça e da classe. Portanto, a interseccionalidade nos possibilita discutir a questão de gênero articulada à etnia-raça e identidade. Neste passo, tomamos aqui as discussões em torno das mulheres negras, pois são questões que demarcam a junção dessas categorias, abarcando as diferenças que servem, além de tudo, como o marco de identidade para as mulheres negras que estão à margem da sociedade, sabendo que “a identidade é, portanto, um processo de criação de sentido pelos grupos e pelos indivíduos” (CANDAUI; MOREIRA, 2008, p. 41).

Assim, no que diz respeito às identidades, torna-se evidente que as diferenças desempenham um papel fundamental. Elas moldam a maneira como vivemos e fornecem as bases para o reconhecimento das desigualdades que frequentemente encontramos. Isso ressalta a interconexão essencial do feminismo com a interseccionalidade. O gênero desempenha um papel crucial na demarcação dos corpos, distinguindo entre homens e mulheres. No entanto, é importante reconhecer as complexidades que desafiam as definições homogêneas. A raça, por exemplo, está intrinsecamente relacionada à cor da pele das pessoas negras, enquanto a classe está ligada ao lugar que essas pessoas ocupam na sociedade.

Dessa forma, é indiscutível que gênero, raça e classe desempenham papéis significativos na análise das mulheres negras. Além disso, é importante reconhecer que as conquistas históricas das mulheres negras se desenvolveram gradualmente por meio das discussões no âmbito do feminismo. É fundamental ressaltar que o diálogo entre as mulheres e o feminismo só se tornou possível devido à persistente presença do racismo e do sexismo que afetam as mulheres, não apenas por parte dos homens, mas também de mulheres brancas que mantêm crenças enraizadas na

construção do Brasil. Portanto, é essencial explorar os caminhos históricos que refletem as experiências das mulheres em relação a gênero, raça e classe. Segundo Bell Hooks,

O movimento feminista, principalmente o trabalho de atividades negras visionárias, preparou o caminho para o considerarmos raça e racismo, o que teve impacto positivo em nossa sociedade como um todo. raramente, críticas sociais convencionais reconhecem esse fato. (HOOKS, 2021, p. 113-114)

Portanto, é válido observar como as mulheres negras conseguiram modificar proposições contidas no movimento feminista a partir de suas leituras e observações da realidade social e da condição das mulheres negras. Isto fez com que o feminismo precisasse ponderar de acordo com as necessidades das mulheres que estão envolvidas, tendo em vista que uma mulher negra que está em uma classe social inferior a qual sofre racismo tem ainda mais questões para alcançar o mínimo existencial, que, por lei, seria dever do Estado de acordo com a constituição de 1998, mas que ainda é muito falha.

O surgimento do feminismo negro no Brasil no final da década de 1980 foi um marco significativo, especialmente quando os debates saíram dos limites acadêmicos e se tornaram parte do contexto social. Inicialmente, mulheres negras se reuniam nas universidades para discutir seus direitos, o que lhes permitia ter um espaço para expressar suas perspectivas, ao mesmo tempo em que enfatizavam a importância da discussão antirracista para combater o racismo estrutural. Isso impulsionou a compreensão de que esses debates precisam transcender o nível individual e alcançar uma dimensão coletiva. De acordo com González,

É inegável que o feminismo como teoria e prática vem desempenhando um papel fundamental em nossas lutas e conquistas, e à medida que, ao apresentar novas perguntas, não somente estimulou a formação de grupos e redes, mas também desenvolver a busca de uma nova forma de ser mulher” (GONZÁLEZ, 2011, p.12)

O desenvolvimento da pluralidade feminina está gerando novas perspectivas sobre o que significa 'ser', como a autora mencionada anteriormente aponta. Essas conquistas recentes estão aumentando a visibilidade das mulheres negras e proporcionando novas maneiras de combater o racismo por meio de uma luta antirracista. É importante reconhecer que as lutas das mulheres negras em relação aos seus direitos também estão redefinindo a noção de gênero e raça como

construção do conhecimento. Além disso, elas estão contribuindo para ampliar a presença das mulheres negras não apenas nos ambientes acadêmicos, dentro da estrutura das universidades, mas também na sociedade em geral.

Sabe-se que o movimento negro é relevante para a construção das identidades, tencionando que, ao fazer ou pensar uma teoria, sempre vai se ter o seu ponto de vista em relação àquilo. Sendo assim, gênero, classe e raça perpassam as experiências individuais para poderem se tornar coletivas, dessa maneira, contribuindo para os diálogos e pesquisas feitas em torno das mulheres negras na sociedade brasileira. Segundo Figueiredo, "A teoria e a prática andam lado a lado" (FIGUEIREDO, 2020, p. 11), ou seja, esse entrelaço entre ambas as coisas é relevante para o funcionamento dos movimentos.

Figueiredo (2020) em suas observações, acresce também, a importância da questão da epistemologia de insubmissão da mulher negra, que é justamente quando as mulheres negras em organizações coletivas, através das lutas, passaram a rejeitar as submissões que lhes foram impostas desde a escravização, período no qual eram obrigadas a aceitarem tudo. Especificadas com a vida privada, ser mulher era sinônimo de esposa, mãe, dona de casa, sendo ignoradas se tentassem fazer algo que não fosse determinado para elas.

No século XXI, as pesquisas de insubmissão das mulheres estão crescendo cada vez mais, mostrando que isto é um dos percursos que foram transcorridos no decorrer do tempo, libertando as mulheres de serem submissas. Desse modo, foi estabelecida uma abertura para discutir também a discriminação em torno da mulher insubmissa, o que evidenciou o fato de que mulheres negras independentes que buscam a sororidade como apoio para que outras pessoas se coloquem nos seus lugares ainda são muito criticadas.

Observamos que, ao longo destas reflexões sobre a condição da mulher negra no Brasil, é que se foram modificadas muitas coisas. Aqui, é possível ver que as trajetórias que foram e que ainda não foram percorridas são dolorosas e cobertas de críticas, muitas vezes advindas de quem não pratica a ideia de se colocar no lugar do outro para considerar as suas histórias e os seus contextos nos meios sociais, econômicos e culturais. Porém, o lugar de fala da mulher negra está cada dia mais presente na sociedade, seja em sua casa, na sua rua, nas palestras, nas universidades e em tantos outros lugares. O caminho foi árduo, mas não desistir das lutas fez com que a condição dessas mulheres melhorasse.

## 2.2 Escrita literárias por escritoras negras: Conceição Evaristo

No final do século XIX e início do século XX, a escola de Annales promoveu um debate em torno de novas formas da escrita da história, logo, houve a expansão da história, algo marcante na historiografia, com novos estudos e novos aportes teóricos para o seu desenvolvimento. Segundo Barros, “[...] com surgimento ou afirmação desta nova modalidade que é a História da Historiografia, que o historiador começa a tomar consciência de que trabalha com um universo de expansão.” (BARROS, 2013, p. 17). Essa expansão traz novas possibilidades de investigação para os historiadores, dando a eles um papel mais complexo como investigador das fontes que foram utilizadas para estudar o passado, e, por meio dessa expansão, há uma base, que é a História Cultural.

A História Cultural, a partir dos anos 1980, passou por um longo processo e críticas por causa desta escrita, propondo-se a escrever história através das representações do passado e de leituras da história de pessoas que foram representadas por outras, ressaltando a história que não foi contada. “A História Cultural se torna, assim, uma representação que resgata representações que se incumbem de construir uma representação sobre o já representado” (PESAVENTO, 2008, p 23.). Logo, a análise de documentos tinha a finalidade de mostrar o que não estava posto na historiografia, abandonando aquela história política e econômica e dando mais estímulo para escrever a história vista de baixo, das classes marginalizadas.

A história ganhou novas tendências, chamando agora a escrita histórica de narrativa, chegando ao alinhamento ficcional, mas com alguns critérios, que são a pesquisa documental em torno dos acontecimentos e a maior busca pela veracidade. Muitos historiadores, neste período, comparam a história com a literatura por causa da escrita.

A história e a literatura passam a ser ponderadas para perceber suas aproximações e distanciamentos, desse modo, as aproximações se dão pelo fato de que ambas se tornam de alguma maneira ficção das coisas, com a diferença que a literatura seria algo mais distante do verdadeiro que a escrita histórica. No entanto, segundo Pesavento (2008, p. 29), “O mais certo seria afirmar que a história estabelece regimes de verdade, e não certezas absolutas”. Assim, a nova história

cultural fez questionamentos em volta do conteúdo científico, dizendo que não se mostra a veracidade de determinados acontecimentos.

Chartier (1985) aborda que as representações são construídas também pela apropriação de determinados acontecimentos, que seriam justamente os textos e leituras de mundo que os historiadores utilizam para falar das classes subalternas e como o público recebe estas escritas, como um resultado daquilo que o indivíduo faz com aquilo que recebe, alterando o sentido original do que antes tinha sido escrito e ressignificando as eventualidades, além de questionar as delimitações que antes eram propostas. Evidencia-se, assim, que o historiador precisa investigar e aplicar historicidade diante das coisas ao ressignificar as narrativas.

A partir dos estudos desenvolvidos nas pesquisas em história cultural estudando a representação do passado, a recepção dos textos foi uma tendência para a historiografia, colocando em pauta a interdisciplinaridade entre a história e a literatura. A literatura, neste momento, é responsável por ser fonte “Ao trabalhar com literatura como fonte, o historiador se depara, forçosamente, com a necessidade de se pensar o estatuto do texto e realizar cruzamento entre os dois discursos, em suas aproximações e distanciamentos” (PESAVENTO, 2008, p. 84).

De agora em diante, a história passa a ser de caráter investigativo perante a literatura, fazendo questionamentos, tendo em vista que a história é constituída de movimentos e não está meramente dada, mas precisando de construção. Assim, a literatura permite que os historiadores façam uma leitura de mundo mais sensível e consigam vislumbrar a cientificidade.

Conforme o desenrolar da nova história cultural, a escrita literária de escritoras negras na literatura afro-brasileira traz histórias, memórias e situações geracionais. Nos dias atuais, esse tipo de escrita tem interessado a sociedade, pois é uma maneira de compreender as várias situações das vivências, os sonhos e aprendizados. Segundo Pesavento,

Escrever a História, ou construir um discurso sobre o passado, é sempre um ir ao encontro das questões de uma época. A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado. (PESAVENTO, 2008, p. 59)

Esta escrita do discurso do passado é primordial para os projetos entre a história e a literatura no que diz respeito às projeções educativas do presente, passado e futuro. Desse modo, os romances escritos por Conceição Evaristo articulam esse movimento da história cultural, servindo como ferramenta de investigação histórica, procurando a representação das histórias ausentes. Segundo Hooks,

[...] em comunidades negras (e comunidades etnicamente diversas), as mulheres não são silenciosas. Suas vozes podem ser ouvidas. Certamente, para as mulheres negras, nossa luta não tem sido para emergir do silêncio para a fala, mas para mudar a natureza e a direção da nossa fala, para fazer uma fala que atraia ouvintes, que seja ouvida (HOOKS, 2019, p.29).

Bell Hooks (2019) caracteriza a luta da mulher negra, mostrando que os silêncios precisam ser extintos. Nesse cenário, torna-se importante observar que a literatura se tornou um meio para ecoar as vozes das mulheres negras para que estas sejam não só ouvidas, mas também compreendidas por milhares de pessoas, mostrando o lugar de fala e buscando maneiras de permanecer existindo no meio de tantos apagamentos. Nisso, também vale destacar que muito do que se vê na literatura colonial e do Império brasileiro retratava o negro como mão-de-obra e as mulheres como objeto sexual, inferiorizando o lugar social afro-descendente, cometendo racismos e os retirando dos espaços. Assim, nota-se questões importantes ao estudar o cunho historiográfico na literatura.

Destarte, a escrita literária é muito relevante para entender histórias das escritoras negras na sociedade brasileira, tendo em vista que isso proporciona diversas possibilidades de leitura na perspectiva de uma história feita por mulheres negras, na qual a escrita literária também se vincula a mostrar os seus espaços. Nessa perspectiva, segundo Lobo,

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro. (Apud LOBO, 2007, p. 266)

Com isso, a literatura é um ato de resistência, de crítica, e um importante espaço para contar também a sua história. Isso foi uma vasta construção, tendo em vista que a escrita literária primeiramente não foi vista como uma história oficial e, em

segundo lugar, que a história literária escrita por mulheres sempre tinha uma síntese patriarcal que dava visibilidade à sociedade colonizada, heterossexual e branca. No decorrer da história, as mulheres escreviam e ressaltavam a vida doméstica e o cuidado com os filhos. Por isso, quando as mulheres passaram a escrever como forma de denúncia e reivindicar igualdade de gênero entre homens e mulheres, isso se configurou como uma grande revolução, pois “a valorização da escrita feminina negra não se deu por acaso, pelo contrário, ela é fruto de lutas e reivindicações” (SOARES; JORGE, 2020, p. 43).

A literatura afro-brasileira demorou a ser publicada nas diversas livrarias e até os dias atuais é possível ver que ainda existe relutância para ocorrerem mostras de livros que sejam escritos por mulheres negras. Devido a isso, a luta pelo não silenciamento é constante e necessário. A escrita, que antes era um ato de silenciar as mulheres, pois só escreviam o que lhes era dito, agora é a construção do feminino que permite vezes e vozes em um cenário de luta contra escrita patriarcal. Segundo Losandro Antonio Tedeschi,

Na história das mulheres a dimensão da linguagem, dos discursos, passa a ser uma ferramenta de análise importante, não como meio de representação da realidade, mas como um sistema de significação, já que intervém ativamente na produção de significados que se atribuem ao mundo real e a partir dos quais se organiza e dá sentido à prática (TEDESCHI, 2016, p. 156)

Posto isso, a história passou a ter significações diferentes, mostrando suas visões de mundo, até mesmo como uma maneira de denúncia crítica de como as mulheres são tratadas na sociedade, principalmente a escrita literária escrita por mulheres negras, que se tornou um instrumento de luta por meio da literatura afro-brasileira. Desse modo, verifica-se que:

Na produção feminina negra, muitas são as vozes representadas uma vez que, além de explicitar angústias, lutas e memórias próprias, as autoras também abordam questões de emancipação, denunciam a violência racial e de gênero, mostram a solidão vivenciada pelas meninas negras em diferentes espaços sociais. Ao criarem histórias e identidades negras, as autoras (re)inventam a si mesmas e desconstróem conceitos padronizados sobre as personagens femininas negras na literatura brasileira, principalmente, nos cânones literários. (SOARES; JORGE, 2020, p. 31)

A produção da literatura escrita por mulheres negras acarreta nas denúncias, na materialização textual de lutas e de resistências, trazendo seus personagens

como uma parte de si. Por esta razão, a escrita de mulheres negras para seus pares é extremamente significativa para se ler e refletir a identidade do ser como a identidade pessoal e da natureza essencial de um indivíduo e a representatividade. Porém, é importante entender o percurso para essa escrita literária, tornando-se um documento para se estudar história. Tal panorama concedeu-se, portanto, por meio da quebra de paradigmas, ao analisar os documentos historiográficos, surgindo, a partir disso, novos meios de se entender e estudar história.

Conceição Evaristo é uma escritora negra que tem se destacado por ser uma das primeiras mulheres negras a publicar um livro que relata as *escrevivências* de mulheres insubmissas na literatura afro-brasileira. A obra de Evaristo tem um teor de militância, tendo como um de seus objetivos mostrar os lugares das mulheres na sociedade brasileira, além de quebrar os paradigmas da história colonial. Assim, através de Evaristo, pode-se ler a diversidade histórica da escrita numa perspectiva decolonial.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Minas Gerais, Belo Horizonte. Teve uma infância e juventude difíceis na sua realidade financeira, tendo em vista que veio de uma família carente. No ano de 1970, formou-se na Escola Normal, mudando-se assim para o Rio de Janeiro em busca de trabalho e melhorias de vida. Ao chegar ao Rio, Conceição se envolveu na militância, ingressando no Movimento Negro.

No ano de 1976, iniciou a graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas, por causa do nascimento da sua filha, precisou trancar a graduação e terminar um pouco mais tarde, em 1989. Conceição é mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutora em Literatura pela Universidade Federal Fluminense.

A vida e trajetória de Conceição Evaristo é de batalhas e grandes conquistas, sendo ela uma mulher negra que sempre esteve, de certa forma, engajada em discussões em torno da (re)existência das mulheres negras afro-brasileiras, buscando sempre a luta antirracista. Aqui, também é necessário dar visibilidade ao modo que se observa a universidade como um lugar de disputa de poder, o qual abrange os caminhos que envolvem a luta de gênero, de classe e de raça perante a sociedade.

O primeiro livro de Conceição Evaristo foi publicado em 2003, ano da lei nº 10.639, que visa à obrigatoriedade do ensino da história e cultura Africana e Afro-Brasileira na disciplina de história.

Em 1990, publicou seu primeiro poema. Teve seu primeiro livro publicado em 2003, intitulado de Ponciá Vicêncio. Posteriormente, houve a publicação de diversas obras, as quais fizeram muito sucesso não apenas no Brasil, mas também em outros países. Entre os sucessos, estão *Becos da memória* (2006) *Poemas de recordação e outros movimentos* (2008), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014), *Histórias de leves enganões e parencças* (2016) e *Canção para ninar menino grande* (2018).

Neste cenário, pode-se perceber as relações que existem entre as obras publicadas e o funcionamento de muitas denúncias que foram feitas por meio dos livros. Segundo Machado (2014, p. 262), “a autora principalmente na última década, tem ganhado cada vez mais destaque como escritora negra brasileira, e tornou-se uma das grandes referências na história da literatura negra brasileira”. Destaca-se, aqui, o reconhecimento e a importância crescentes da autora como uma escritora negra brasileira, especialmente ao longo da última década. Ela demonstra que a autora tem se destacado no cenário literário, sendo considerada uma das principais vozes na história da literatura negra brasileira. Dito isto, Conceição passa a ser uma mulher negra que escreve e faz entender as vivências das mulheres negras na sociedade. *Becos de memórias* (2006) será posteriormente analisado no próximo capítulo, para se entender a vivência geracional das pessoas na favela, história esta narrada por uma mulher negra para que se compreenda a vida nas comunidades.

### 3. A LITERATURA DE MULHERES NEGRAS E O LUGAR DA MULHER NEGRA NO ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Aqui estamos nós, donas de nossas próprias palavras, revolucionárias do cotidiano, regando a terra outrora batida por nossas antepassadas, firmando nossas pegadas, sabendo que hoje, cada vez que nossa fala se propaga, equivale a dez que antes foram silenciadas. (Mel Maia, 2019)

Mel Maia mostra que o lugar de fala da mulher negra é essencial para representar as pessoas que um dia foram silenciadas. À vista disso, neste capítulo, serão apresentadas as resistências do povo negro através das favelas, da literatura e no ensino de história.

Primeiramente, haverá a apresentação do surgimento das favelas com as modernizações das cidades, mostrando as suas origens e como se deu a formação do povo mais pobre na sociedade, na sua maioria o povo negro, que vivia de forma precária, às vezes por falta de luz, água, e até mesmo alimentos em um amontoado de pessoas das mesmas famílias que eram obrigados a dividir o mesmo cômodo por não terem condições de viver em um lugar mais adequado.

A favela, muitas vezes, se transforma na única opção de sobrevivência, e é importante analisar como as classes sociais mais privilegiadas estereotipam as pessoas negras que vivem nesses locais. Além disso, é fundamental destacar que a favela também pode ser vista como um espaço de luta, resistência e oportunidades para as comunidades negras.

Buscando essa representação da favela através do livro “Becos da memória”, da autora Conceição Evaristo, nossa proposta é mostrar a forma de ver a favela na perspectiva dos personagens que ela criou, trazendo discussões das diversas memórias dos personagens que estão inseridos na literatura, articulando como as favelas mostram os saberes e a sociabilidade entre os que moram lá, analisando como na obra de Conceição Evaristo há articulação entre a ficção e a realidade de vivências. Tal conjuntura mostra a favela de dentro para fora, unindo assim forma e conteúdo no processo de um desfavelamento.

Na sequência, será explorado como, na literatura “Becos da memória”, Conceição Evaristo constrói seus personagens, os quais são moradores da favela. Cada personagem possui uma importância para a escrivência de se compreender

o lugar de fala da população negra dentro das favelas, evidenciando que o romance escrito por Conceição educa a partir das relações étnico-raciais.

Esta obra, vale ressaltar, pode ser abordada em sala de aula através da lei 10.639/2003 que dá obrigatoriedade para o ensino da história e cultura de africanos e afro-brasileiros na sala de aula, problematizando a implementação desta lei que, por vezes, não são de fato eficientes, tendo em vista que faz 20 anos de lei e, infelizmente, os conteúdos que são abordados para os discentes, na maioria das vezes, são dados de maneira superficial, não oferecendo melhor visualização da cultura do povo negro.

Portanto, serão visualizados caminhos investigativos para se ensinar de acordo com a lei, além de ter a história das pessoas negras e a literatura como aportes que trazem memórias, desafios e narrativas de pessoas negras. Ainda nesse cenário, analisaremos trechos do livro, apresentando os personagens e relatando como “Becos da memória” é essencial para os debates em sala de aula, enegrecendo também as leituras dos alunos.

### **3.1 A obra becos da memória - apresentando as memórias de pessoas negras na favela.**

Na metade do século XIX e início do século XX, surgiram as grandes favelas em todas as cidades do Brasil, tendo em vista a demolição dos cortiços que as pessoas mais pobres habitavam dentro desses espaços nas cidades. As pessoas de classe alta da sociedade, ao verem a proliferação de doenças, começaram a “limpeza” das cidades e, com isso, a expulsão das famílias que habitavam esses cortiços e, logo depois, a sua demolição, proibindo qualquer tipo de moradia que causasse mal para a população, cabendo salientar que a destruição dos cortiços não estava só ligada à saúde, mas também a questões capitalistas, com a modernização das cidades. Sobre isso, Abreu (1988) afirma que

A abolição da escravatura, o surgimento da indústria e o incremento do comércio e serviços na área central da cidade fazem com que se solidifiquem as classes sociais e se inicie uma luta pelo espaço, gerando conflitos que vão se refletir claramente no espaço urbano da cidade.” (ABREU, 1988, p. 35)

Aqui, observa-se que a abolição da escravidão e o crescimento da indústria e do comércio na área central da cidade tiveram um impacto profundo na estratificação social e levaram a conflitos por espaço na cidade. Abreu e Vaz (1991), sobre isso, destacam como eventos históricos e econômicos moldaram a estrutura social e física do ambiente urbano, resultando em tensões e disputas por recursos e território na cidade:

O aparecimento da favela está intimamente ligado a todo um conjunto de transformações desencadeadas pela transição da economia brasileira de uma fase tipicamente mercantil exportadora para uma fase capitalista-industrial. (...) Trata-se do momento em que a economia cafeeira fluminense entra em crise (...) reorientando toda uma estrutura já consolidada de comportamento do capital mercantil; do momento em que a cidade passa a ter um crescimento demográfico extremamente rápido (fruto de migrações internas e estrangeiras) que agravava sobremaneira a questão habitacional. (ABREU E VAZ, 1991, p. 2)

Com a abolição da escravidão em 1888 e a chegada de imigrantes ao Brasil, surgiu a necessidade de expandir as cidades para possibilitar o crescimento econômico e social. Nesse contexto, a população se viu confrontada por desafios e oportunidades devido às mudanças nas estruturas sociais e econômicas do país. Nesse cenário, é importante salientar que as políticas públicas dessa época não visualizavam as pessoas pobres como parte da sociedade e chave do crescimento, mantendo assim a favela como uma criação para designar as pessoas pobres que habitavam nos cortiços de determinadas sociedades.

A representação da favela está ligada à pobreza e principalmente a pessoas negras que estavam à margem da sociedade, que são perseguidas como marginais e que não tem classe e, ainda por cima, são cercadas de olhares pejorativos. Em harmonia com Thiago Ansel

Procura-se assim mostrar não só como a cultura dominante “distorce”, “deforma” ou “reduz” a favela a um conjunto de estereótipos, mas como os diferentes grupos sociais, com interesses distintos, traçam estratégias que desafiam ou modulam os regimes representacionais. (ANSEL, p. 5)

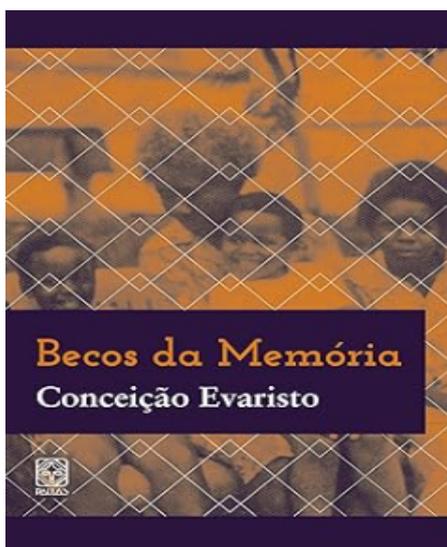
Culturalmente, na classe dominante, a favela foi representada de maneira rotulada desde a sua criação até os dias atuais. No entanto, é relevante enxergar a favela como um todo, pois este lugar também precisa ser visto como um espaço com vida, memória, luta e resistência. Para Ansel (2014, p. 11), “a favela é o lugar do pobre, que não tem condições de morar em outro lugar; da família; da amizade; onde

os vizinhos apoiam uns aos outros em seus afazeres e sofrimentos”, convertendo-se em lugares de afetos, de laços e de harmonia do povo negro nas comunidades.

Quando se entende que a favela é uma pauta de várias questões desde a sua criação, pode-se analisar, por meio do livro “Becos da memória”, algumas vertentes para se enxergar as memórias e percursos da favela abordando questões como as memórias, as lembranças, a ancestralidade, dores, emoções, reflexões, escravidão, lutas, vivências, sensibilidades, negritudes, vidas, mortes, amores, solidariedades, alegrias e tristezas.

Na obra, são dadas vozes a personagens que são negras, pobres e moradoras de favelas, o que possibilita uma representação vívida das complexidades e desafios enfrentados nessas comunidades, especialmente quando se explora o processo de desfavelamento. A narrativa se desenvolve dentro do contexto em que a obra está inserida.

Imagem 01 – Capa de “Becos da Memória”, de Conceição Evaristo



Fonte: <https://www.google.com.br/books>

Becos da memória apresenta a favela como lugar onde vivem muitos negros e negras tentando sobreviver ao dia a dia. A narrativa do livro é contada por uma menina, no entanto, com a leitura da obra, dá-se a entender que ela já está na fase adulta; sua tarefa é contar a vida das pessoas da favela, relembando os modos de percepção da relação das pessoas umas com as outras.

Partindo da memória das pessoas, o modo de sobreviver, de resistir, de fazer ecoar as vozes dos negros e negras, a obra possibilita mostrar como a favela estava sendo lida no seu presente, ou seja, na infância e adolescência da menina que narra o livro e o passado na memória que ela traz ao longo desta narrativa, bem como das pessoas que viviam naquela favela – desde a sua construção até o seu desfavelamento.

A memória coletiva afetiva traz a produção social e a historicidade, a qual não permite que as diversas histórias do povo negro sejam esquecidas, entendemos, aqui, a favela como lugar dessa memória, registrando o que se passava naquele ambiente.

Quando se fala da construção da favela, observa-se que esta começou com poucas famílias que habitavam o lugar e, com o passar do tempo, foi se tornando um amontoado de becos, onde vivem diversas pessoas em seus barracos pouco estruturados. No contexto da obra, observamos que a autora interroga determinados valores que estão presentes naquele local, como, por exemplo, a comparação da favela com a senzala, lugares de trabalho escravo nos quais o dinheiro que os trabalhadores recebiam mal dava para a alimentação cotidiana. Simone Pereira Schmidt, no posfácio do livro, evidencia que

Esta relação, senzala-favela, se atualiza no romance de duas formas. Primeiramente, na memória da escravidão, frequentemente relatada pelos mais-velhos, em histórias nas quais rememoram sua infância passada em fazendas, senzalas, plantações e enfrentamentos com os sinhôs. Num segundo plano, o mais vívido no romance, a relação da senzala com a favela atualiza-se na geografia dos becos onde se vivencia a condição subalterna dos seus moradores. (SCHMIDT, 2017, p. 185-186).

O romance busca, na memória dos mais velhos, o passado colonial que muitos deles viveram, apresentando no contexto da narrativa construída na obra, as histórias passadas que podem se perdurar no presente dependendo da sua maneira de viver, como, por exemplo, as senzalas-favelas. A narradora, nessa perspectiva, conta não só com os sofrimentos, mas também com as lutas e formas de resistir, como quando ela indaga e quer promover mudança nas situações, na forma inclusive de escrever a memória das pessoas da favela. Schmidt, ainda sobre isso, acrescenta que

Dar corpo à memória dos moradores da favela, caminhando em sentido contrário ao dos estereótipos que se colam à pele dos subalternos em nossa sociedade, é, portanto, uma estratégia de grande impacto político e cultural, já que permite ao leitor brasileiro, desamparado de uma tradição de representação das diferenças sociais e raciais em nossa cultura, aprender [...] (SCHMIDT, 2017, p. 186)

As memórias representam a resistência, mostrando as diferenças e combatendo o racismo persistente no Brasil, sendo um registro das lutas que resultaram em melhorias econômicas, políticas e sociais. Articulando as discussões sobre memória, um outro aspecto que norteia as discussões que atravessam a narrativa construída por Conceição Evaristo é a identidade. Tendo esse conceito em vista, reportamo-nos a Caimi quando enfatiza que “as identidades emergem das várias práticas sociais das quais os indivíduos fazem parte, tais como: etnia, idade, classe social, gênero, sexualidade, religiosidade e etc” (CAIMI, 2013, p. 20).

A identidade, quando pensada na literatura, aborda a favela como principal localidade habitacional para a população negra, pois, é nela que as pessoas que habitam este lugar articulam questões geracionais, da classe popular e marginalizada, das mulheres que habitam o local e suas diversas dificuldades, além de sinalizarem também para questões em torno da sexualidade. Essa construção identitária das pessoas faveladas é um viés também de representações de como a sociedade não conhecedora pensa o modo de vida da população que vive na favela. Entretanto, também não se pode deixar em consideração o fato de que a construção identitária se formula no dia a dia, com a luta do povo negro para (re)existir na sociedade.

Dessa forma, a identidade do povo negro está em constante evolução, moldada pelas lutas em curso. Isso reflete a busca contínua para compreender o papel dos negros na favela, assim como as transformações dos personagens à medida que suas memórias e experiências se desenvolvem. Para Candau (2010, p. 42), “Nossa identidade, assim, não é uma essência, não é um dado, não é uma fixa, nem centrada, nem unificada, nem homogênea, nem definida”.

Através da análise das vivências dos moradores da favela na obra, podemos refletir sobre a construção de suas identidades a partir de suas experiências nesse ambiente. Suas realidades se assemelham com casas aparentemente idênticas e condições de vida similares. Um aspecto que chama a atenção é a exposição de suas memórias, que revela a importância dos mais velhos incentivando os mais

jovens a buscar a educação, visando a uma vida melhor, apesar das dificuldades e da precariedade de acesso à escola. Gerações anteriores mantinham a esperança de que ao menos algumas pessoas daquela comunidade pudessem alcançar um futuro melhor.

Becos da memória estabelece um diálogo necessário em torno da realidade das pessoas que vivem às margens da sociedade, particularmente nas diversas favelas do Brasil. Assim, há a construção de uma reflexão de que pessoas, em seus espaços, constituem-se de modificações as quais são impostas para pessoas negras que moram na favela. Nessa discussão, o romance apresenta como é fundamental analisar o lugar dos negros e negras na sociedade para a compreensão de uma formação da identidade brasileira.

O livro também trata do desfavelamento, trazendo à tona a questão de que as pessoas ricas queriam construir monumentos que modernizassem a cidade e tirar aquelas famílias das suas habitações: “Dava a impressão de que nem eles sabiam direito porque estavam erradicando a favela. Diziam que era para construir um hospital ou uma companhia de gás, um grande clube, talvez” (EVARISTO, 2017 p. 163). Observa-se que não se existia uma ideia do que queriam fazer, pois a única certeza seria tirar aquela população daquela localidade.

O grande enredo se formula à medida que ninguém sabe realmente para onde iria com esse desfavelamento. À proporção que a narrativa vai passando, muitas casas vão sendo demolidas, pessoas vão se mudando para outras favelas ou demais espaços urbanos, perdendo o contato com a sua vizinhança, além de pessoas que morrem ao decorrer das derrubadas das casas, ficando ali mesmo, naquela terra que fez a sua identidade e sua memória.

O desfavelamento deveria ser algo que melhoraria a vida das pessoas que a habitavam, porém, como bem é ilustrado na literatura, existem algumas problemáticas que chegam através da proposta de receber dinheiro para se mudar e fazer vida em outros lugares. Contudo, com o dinheiro que era pago às famílias, não dava para migrar para outra localidade; houve também a problematização sofrida pela demanda que poderia ficar na favela, a qual não aceitou o dinheiro e teria que sair de qualquer maneira, tendo que levar até as telhas de seus barracos.

Ao enxergar a resistência de alguns moradores para se retirar do local, as pessoas que estavam fazendo o desfavelamento se utilizaram de estratégias para obrigá-las a saírem dos becos da favela, como o desligamento da rede de água, que

servia de sobrevivência das famílias. Esse problema foi o que gerou mais consequências porque além do uso necessário da água para o dia a dia, este recurso natural também era importante pelo fato de ser ferramenta para trabalho, uma vez que pessoas de classe alta pagavam as mulheres da favela para lavarem suas roupas. Sem água nas torneiras, portanto, não haveria condições de sobreviver.

A literatura escrita por uma mulher negra que aborda personagens negros em contextos de favela é notável por sua relevância ao contexto contemporâneo. Em uma entrevista conduzida por Aurélio Oliosí com Conceição Evaristo, autora do livro em questão, a escritora compartilha a seguinte observação: “Perceber que ninguém veio a esse mundo pelo simples fato de vir, mas que cada um de nós temos uma responsabilidade com a comunidade a qual vivemos” (EVARISTO, 2020).

Em geral, a obra 'Becos da Memória' tem como objetivo gerar uma sensação de desconforto social ao abordar a vida na favela e as memórias de seus moradores. Ela foi concebida com a intenção de provocar na sociedade a reflexão de variadas realidades enfrentadas por pessoas que vivem em situações precárias e desfavorecidas. A intenção é que essa reflexão leve a ações concretas, como a implementação de políticas públicas, com o propósito de proteger vidas e, de alguma maneira, melhorar as condições dessas pessoas, conforme discutido ao longo do livro. A escrita desempenha um papel fundamental nesse processo, sendo uma das ferramentas utilizadas para promover essa conscientização e mudança social.

Na história de Maria-Nova, vários personagens ganharam destaque por terem histórias peculiares e representativas do povo negro. Entre estes, um homem negro se destacava como um símbolo de benevolência e, por isso, recebeu o apelido de Bondade, sempre pronto para auxiliar a comunidade local. Ele era uma figura misteriosa, pois, embora conhecesse profundamente a vida de todos, sua própria história permanecia envolta em segredos. Este indivíduo saía da favela e retornava trazendo recursos para socorrer os habitantes em momentos de doença, fome ou simplesmente para criar momentos de memória para Maria-Nova. Ele desempenhava o papel principal na conexão das histórias e experiências dos outros moradores da favela.

Negro Alírio, um personagem cuja história remontava à era da escravidão, veio de longe para se estabelecer na favela. Seus pais foram escravizados, e, mesmo após a abolição, continuaram sob a opressão de fazendeiros, incluindo seu próprio irmão, que o traiu em busca de status. Impulsionado pela revolta contra as

ações desonrosas de sua própria família, Negro Alírio deixou seus pais para trás e encontrou refúgio na favela.

Ditinha, uma mulher negra, enfrentou uma vida de extrema dificuldade devido à pobreza que a envolvia. Ela trabalhava na casa de pessoas brancas para sustentar seu pai e seus três filhos, e sua narrativa estava repleta de angústia. A falta de recursos agravou ainda mais sua condição de vida, resultando em dificuldades no acesso ao sistema de saúde.

Filó Gazogência, uma idosa que trabalhava incansavelmente para sustentar sua família, dividia sua casa com sua filha e neta. A falta de recursos agravou sua saúde, levando a um acesso precário aos cuidados médicos. Sua história era um testemunho das lutas das pessoas negras diante de adversidades.

Cidinha-Cidoca, uma mulher que vivia diversas experiências nos becos da favela, enfrentou desafios tão avassaladores que, na narrativa de Maria-Nova, sugere-se que ela tenha cometido suicídio. Para Cidinha-Cidoca, viver naquela favela em condições precárias era uma existência insuportável.

Nega Tuína, a segunda esposa de Tio-Totó, trouxe sua própria história consigo. Ela costumava cozinhar para pessoas brancas, mas decidiu fazer uma nova vida casando-se com Tio-Totó na favela. Sua história era marcada por tragédia, já que morreu dando à luz seus dois filhos na favela, sem acesso adequado aos serviços de saúde. Ela sabia que não viveria para criá-los, mas acreditava que seu sonho de ser mãe se cumpriria, embora não pudesse fazer parte da criação deles.

Nos becos daquela favela, diversas memórias e vozes se entrelaçam, representando a resiliência e as vivências das mulheres negras, com ênfase na narrativa de Maria-Nova, que compartilhava sua própria jornada e as histórias de seu povo. Seguimos para alguns trechos que vão ajudar na compreensão das memórias recorrentes na escrita de Conceição Evaristo, como representação dos saberes afro-brasileiros e a questão étnica racial:

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, aloiradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. (EVARISTO, 2017, p. 17)

Maria-Nova conta então a quem ela escreve, em homenagem a diversas pessoas, em homenagem a vó Rita, que tem grande importância na história, existindo uma memória afetiva com as pessoas da favela e vó Rita. Também se vê presente neste trecho a inclusão social, quando se fala das várias pessoas e de seus respectivos grupos, descrevendo as cenas do cotidiano das lavadeiras que ganhavam dinheiro para se sustentar por meio das roupas de pessoas de bairro nobre. Nisso, entende-se que essas mulheres pretas lavadeiras estão cansadas.

Outra cena pertencente ao cotidiano são os festivais de bola da favela. O trecho vem carregado de nostalgia ao falar das memórias de pessoas que significaram tanto para Maria-nova que influenciaram diretamente a vivência dela, trazendo consequências para a sua maneira de enxergar o mundo na perspectiva pessoal e das diversas pessoas que viviam na favela:

As tardes na favela costumavam ser amenas. Da janela de seu quarto caiado de branco, Maria-Nova contemplava o pôr do sol. Era muito bonito. Tudo tomava um tom avermelhado. A montanha lá longe, o mundo, a favela, os barracos. Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada. Duas coisas ela gostava de colecionar: selos e as histórias que ouvia. (EVARISTO, 2017, p. 31)

Esse contexto evoca a melancolia que a narradora da obra, Maria-Nova, tem em relação à favela, a qual é permeada de um bom relacionamento com o seu espaço. O ambiente e cenário da favela mostrados pela menina é um lindo pôr do sol e, por mais que existissem muitas dificuldades de sobrevivência por aqueles que ali viviam, ainda havia alegrias nas pequenas coisas, mostrando a serenidade de poder compreender e observar a relevância que se tinha em um pôr do sol. Os sonhos e aspirações de Maria-Nova a motivaram a não querer guardar só para si histórias vividas, mas sim espalhar as diversas memórias das pessoas. Isso destaca a importância da narrativa oral na cultura e na preservação da memória.

Maria-Nova crescia. Olhava o pôr do sol. Maria-Nova lia. Às vezes, vinha uma aflição, ela chorava, angustiava-se tanto! Queria saber o que era a vida. Queria saber o que havia atrás, dentro, fora de cada barraco, de cada pessoa. Fechava o livro e saía. Torneira de baixo ou torneira de cima? Hoje estou para o sofrimento. (EVARISTO, 2017, p. 32)

Maria-Nova era uma menina narradora em desenvolvimento, ansiosa para compreender a vida e disposta a enfrentar as incertezas e desafios que surgem no caminho de sua jornada de crescimento e autoconhecimento por meio das histórias das pessoas, que ela escutava com toda atenção. Suas reflexões e sentimentos refletem a complexidade do processo de amadurecimento e busca de significado na vida, sendo assim, ela busca as memórias para entender e sentir.

Maria-Nova tinha em Bondade outro contador de histórias. Coisas que ele não contava para gente grande, Maria-Nova sabia. As histórias tristes Bondade contava com lágrimas nos olhos, nas alegres, ele tinha no rosto e nas mãos a alegria de uma criança.

Maria-Nova queria sempre histórias e mais histórias para sua coleção. Um sentimento, às vezes, lhe vinha. Ela haveria de recontá-las um dia, ainda não se sabia como. Era muita coisa para se guardar dentro de um só peito. (EVARISTO, 2017, p. 37)

Bondade é uma figura muito importante para Maria-Nova, conseguindo ver a proximidade dele como uma figura paterna ou até mesmo um mentor que ensina a vida para a menina. O personagem é um contador de histórias de pessoas que passavam pela favela e de pessoas que ali moravam, salientado, através disso, como a história e a memória estão ligadas. Essa relação também se origina, portanto, da contação de história da comunidade e das gerações, transmitindo as emoções, sejam de tristezas ou de alegrias, as quais sempre estavam presente nas histórias que ele contava para Maria-Nova, que valorizava muito a história do seu povo: negros e negras que sobreviviam e re(existiam) na sociedade desigual. A menina sempre estava, assim, em busca de novas histórias nos lugares da favela em que morava.

Maria-Nova nunca conseguira uma história de Mãe Joana, embora ela tivesse tantas. As histórias de Mãe Joana deviam ser bonitas e tristes como ela. Deviam ser histórias de amor. Maria-Nova tinha certeza, jamais Mãe Joana a venderia ou venderia algum de seus filhos. Ela comeria o pão que o diabo amassou, iria ao fundo do inferno, mataria se preciso fosse, mas não daria, nem venderia, nenhum dos filhos. Mãe Joana estava ali feito galinha arrepiada, detectando qualquer sinal de perigo. E na sua fragilidade enfrentava o mundo. Mãe Joana amamentava, criava e amava o que era seu. Maria-Nova sabia, Mãe Joana é mulher de poucas palavras. Mãe Joana é uma mulher de muito amor. (EVARISTO, 2017, p. 40)

Também é possível vermos a relação de Maria-nova com a sua mãe Joana, a qual se constitui de admiração e respeito. Porém, no decorrer da história, pode-se observar que as histórias contadas por sua mãe são ausentes. A sua filha entendia

as suas histórias como cheias de emoções, mas particulares. Maria-Nova mostra sua mãe como uma figura de amor condicional e mesmo com as dificuldades sempre iria proteger seus filhos; assim, sua personalidade reservada não abstém o seu cuidado e dedicação, fazendo Maria-Nova admirar muito e respeitar a característica materna de Joana, apesar de não ter acesso às suas histórias mais pessoais.

Na narrativa de Becos da Memória, mostra-se também a proximidade com a religião católica, apresentando como a menina se identificava com algumas orações:

Mas a oração de que Maria-Nova mais gostava era Salve Rainha. Havia partes da oração em que ela via todo o seu povo, em que ela reconhecia o brado, as tristezas, os sofrimentos contidos nas histórias de Tio Totó, nas de Maria-Velha e nas histórias que Bondade contava. Ela conhecia e reconhecia os personagens. A oração podia ser aplicada à vida de todos e à sua vida: A vós bradamos os degredados filhos de Eva Por vós suspiramos neste vale de lágrimas [...] Ela via ali, em coro, todos os sofredores, todos os atormentados, toda a sua vida e a vida dos seus. Maria-Nova sabia que a favela não era o paraíso. Sabia que ali estava mais para o inferno. Entretanto, não sabia bem por quê, mas pedia muito à Nossa Senhora que não permitisse que eles acabassem com a favela, que melhorasse a vida de todos e que deixasse todos por ali. Maria-Nova sentia uma grande angústia. Naquele momento, sua voz tremia, tinha vontade de chorar (EVARISTO, 2017, p. 45)

A relação da oração “Salve Rainha” com a realidade da vida na favela é muito interessante, pois a narrativa mostra a conexão com a oração. Refletindo as experiências e sentimentos, o trecho mostra a identificação da oração com as histórias de Tio-Totó, Maria-Velha e Bondade, na qual são trazidas esperanças de dias melhores na favela, unindo pessoas em lutas principalmente coletivamente. Ao ver a favela sendo destruída com o desfavelamento, Maria-Nova pede em suas orações proteção para os seus familiares, amigos e comunidade, cheia de angústia, esperança, vulnerabilidade e emoção. Essa mistura de sentimentos aborda o desejo de um futuro e sua fé a faz observar os desafios de viver em ambientes difíceis:

Todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos. O que faríamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigados a ir? Havia famílias que moravam ali havia anos, meio século até, ou mais. O que seria a lei usucapião? Eram estes pensamentos que agitavam a cabeça de Maria-Nova, enquanto olhava o movimento de tratores para lá e para cá. Um tratorista era loiro e a poeira o deixava vermelho. Maria-Nova sorriu um pouco. Várias crianças olhavam o trabalho dos moços. Alguma, mais afoita, chegava mais perto e a mãe, que já estava triste, revoltada, ia buscá-la e, ali mesmo, começava a pancadaria. Aqueles tratores trariam tanta tristeza, trariam desgraça até. E naquela noite aconteceria uma. (EVARISTO, 2017, p. 71)

As pessoas reconhecem que a favela não é um paraíso, mas, mesmo com as dificuldades, os moradores têm o sentimento de pertencimento e não queriam que o desfavelamento fosse continuado, pois não desejavam sair daqueles becos que vivenciaram tantas coisas e construíram memórias. Inclusive, a narrativa também aborda a perspectiva da lei da usucapião, que seria o fato de que as gerações que ali habitavam por muito tempo tinham direito legal sobre aquela terra.

A destruição, nesse ponto, assustava os moradores. Existiam muitos conflitos e violências, já que as mudanças que estavam sendo feitas carregavam incertezas. Além disso, existe também a problemática da urbanização capitalista por trás do desfavelamento; neste ponto de vista, socialmente, pessoas que mandaram desfavelar a cidade não estariam se importando para onde os moradores da favela iriam após a realização deste projeto.

A menina crescia. Crescia violentamente por dentro. Era magra e esguia. Seus ossinhos do ombro ameaçavam furar o vestidinho tão gasto. Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e a fogo. A vida não brincava com ela nem ela brincava com a vida. Ela tão nova e já vivia mesmo. Muita coisa, nada ainda, talvez ela já tivesse definido. Sabia, porém, que aquela dor toda não era só sua. Era impossível carregar anos e anos tudo aquilo sobre os ombros. Sabia de vidas acontecendo no silêncio. Sabia que era preciso pôr tudo para fora, porém como, como? Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e fogo. (EVARISTO, 2017, p. 76)

A vida das crianças nas favelas em situação de desfavelamento era ainda mais difícil. Esse contexto pode ser observado através da retratação de Maria-Nova, que desde muito jovem enfrenta dificuldades que a privam de uma infância abundante, dando a ela um crescimento antecipado diante da maturidade que possui, as vidas que ela é responsável são de várias pessoas. As dores na favela também são coletivas da compreensão das dificuldades dos outros e sua necessidade de transformar as memórias em algo maior.

Maria-Nova andava pelos terrenos recentemente desocupados com poeira-tristeza-lágrimas nos olhos. No local onde estavam os barracos dos que tinham ido pela manhã, agora só restava um grande vazio. Era como um corpo que aos poucos fosse perdendo os pedaços. Sentiu dores. Pensou em Vó Rita. Teve vontade de ir ter com ela, mas não podia. Voltou para casa, cabisbaixa, afundando o pé na terra solta, na poeira. Cada pé que afundava no macio da terra, sentia no peito o peso de nada. Não posso chorar. Quero guardar esta dor. (EVARISTO, 2017, p. 87)

A caracterização de poeira, tristeza e lágrimas trazidos pela menina Maria-Nova faz perceber a melancolia e perda, indicando os sentimentos de testemunhar a destruição dos barracos por intermédio da ligação com pessoas que já tinham ido para outros lugares. A forma com a qual Maria-Nova escolhe lidar com a dor é angustiante e, na sua narrativa, vemos que ela tem vontade de ver vó Rita em busca de compreensão pelo o que ela está sentindo, tendo em vista que estão na mesma situação, além de tantos outros.

Maria-Nova assistia pela janela do barraco de Filó Gazogênia à passagem da mulher. Queria sair dali e não conseguia. Estava acabando de subir o morro, sentiu um aperto no coração. Sempre que passava por ali, lembrava de Celita, a neta de Filó Gazogênia, que regulava idade com ela e que estava doente no hospital, igual à mãe e à velha. Viu a janela e a porta do quarto abertas e adivinhou a tristeza. Viu os vizinhos de Filó Gazogênia indo. Maria-Nova foi também e da janela assistiu a tudo. Ficou impressionada com a magreza da velha. Olhou a mão da mulher, conseguiu contar os ossos. Como uma pessoa podia morrer assim? Filó Gazogênia sempre trabalhou. Quando estava boa de saúde, a filha saía para trabalhar e a velha ficava tomando conta da neta e ainda lavava roupas para fora. Ficava sempre perto de Maria-Velha e de Mãe Joana. As tinas das três moravam constantemente na torneira. Havia lavadeiras que nem levavam as tinas para casa, porque voltariam no outro dia, no outro dia, voltariam sempre. Quando uma lavadeira não estava, as amigas usavam a tina dela. Filó Gazogênia não vem hoje? Não, ela não virá mais nunca! É preciso manter a tina cheia, as madeiras molhadas. Filó Gazogênia cansou, encheu-se da vida. A morte veio esvaziando tudo. (EVARISTO, 2017, p. 109)

Filó Gazogênia é uma mulher negra que sempre lutou pelo trabalho e por uma vida melhor para sua filha e sua neta que, inclusive, estão também doentes no hospital com a mesma doença que ela, porém, os recursos só permitiram que apenas duas da família estivessem lá. Maria-Nova narra como a senhora está doente e como todos os vizinhos se compadecem com a situação. As memórias de Maria-nova traziam também a questão da tristeza como consequência da morte, tanto da personagem Filó Gazogênia, quanto de várias outras pessoas faveladas que sofriam com uma história semelhante.

Menina, o mundo, a vida, tudo está aí! Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, se libertam na vida de cada um de nós, que consegue viver, que consegue se realizar. A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos. (EVARISTO, 2017, p. 111)

Tio-totó aqui conversa com Maria-Nova sobre o pouco que os negros conseguiram na sociedade e que muitas coisas precisam ser modificadas, retratando a escravidão, na qual muitos escravizados morreram sem conseguir ter ou ver a libertação. Vale salientar que, quando se menciona a palavra *livre*, faz-se uma ressalva, visto que, nos dias atuais, o trabalho do negro ainda é desvalorizado. Assim, no que diz respeito à liberdade do povo da favela, o conselho e incentivo dados é que a luta e perseverança de liberdade seja advindo e representado através de Maria-Nova.

Maria-Nova andava em dias de grande banzo. Tristeza por tudo, por fatos recentes e passados. Tristeza por fatos que ela testemunhara e por fatos que ouvira. O peito, o coração da menina estava inchado de dor. Era preciso segurar a lágrima e ensaiar o riso. Saía um sorriso molhado dos olhos úmidos. Como e quando acabaria aquilo tudo? Por que um lugar tão triste, uma vida tão desesperada e a gente se apegando tanto? A favela já estava com vazios imensos, áreas sem barracões, e muitos becos já tinham desaparecido. A água rareando e inimizade se fazia na disputa do líquido, mas foram a dor e o desespero que uniram os dois meninos. Muitas vezes não falavam nada. Punham a lata na fila, sentavam lado a lado, quietos, mudos. E foi numa manhã-madrugada, enquanto esperavam a vez de encherem a lata, enquanto o sol não aparecia iluminando o rosto dos dois, que Beto, de cabeça baixa, contou para Maria-Nova o segredo da mãe. Ela havia apanhado sim a pedra verde-suave que até parecia macia. (EVARISTO, 2017, p. 128)

A carga da vida de Maria-Nova era muito grande e as conversas com as pessoas ajudavam a descarregar suas tristezas, mas, ao ver tudo desmoronando, era ainda mais complicado. O trecho mostra a amizade que ela tem com Beto, um menino da favela o qual sua mãe se encontrava presa por ter roubado uma jóia da patroa. Por causa da pobreza, fez algo sem pensar e, mesmo assim, arrependeu-se de uma maneira árdua, já que isso havia destruído a sua vida.

Maria Nova sentia que era preciso modificar a vida, mas como? Saiu desesperadamente calma a andar pela favela. Conhecia de cor, de olhos fechados muitos becos, porém alguns ainda eram lhe estranhos. Mãe Joana nunca gostou que seus filhos fossem muito além da área em que moravam. Tinha medo, muito medo de que eles se perdessem, quando estivessem distantes de casa. Maria-Nova, entretanto, furava o cerco. Amava a mãe, mas era impossível não ir ao mundo. Passou pela área onde trabalhavam os tratores e lá estavam eles, pesadões, agarrados ao chão, esperando a labuta do dia seguinte. Observou que uma boa área da favela já tinha sido aplainada. Lembrou-se de todos os que moravam ali. Tantas e tantas famílias já haviam ido. Estariam felizes? Estava chegando o tempo do festival de bola e ninguém se movimentara ainda. Será que teria? Faltava muita gente: os que haviam ido embora e os que haviam partido para sempre. Quem este ano tiraria o samba? O som da cuíca, do atabaque e do pandeiro? Os homens-vadios-meninos haviam ido brincar no carrinho-trator... E os que ainda estavam por ali andavam sem coragem, sem muitos desejos. É impossível que tudo acabe assim,

pensou a menina. Vida. É preciso, não sei como, arrumar uma nova vida para todos. (EVARISTO, 2017, p. 155-156)

Maria-nova sente-se entusiasmada e esperançosa para viver uma nova vida; mesmo com as diversas limitações econômicas, a desesperança vai se estabelecendo quando ela enxerga as diversas famílias que não fazem mais parte do contexto da favela. Assim, o festival de bola é um conjunto relevante para os moradores da favela, pois a favela, na maioria das narrativas de Maria-Nova, é vista como desanimadora, mas o festival de bola tem a representação de momentos de alegrias; é, portanto, como uma celebração que os moradores da favela tinham mesmo em meio a diversas dificuldades. A menina é persistente ao querer uma vida nova para os negros e negras da favela.

Maria-Velha escutava a fala lamentosa de Tio Totó e começava a achar que ele tinha razão. Era mesmo tudo um trabalho perdido. Trabalho perdido reerguer os barracões que haviam caído. Trabalho perdido o de Negro Alírio ajuntar o pessoal e ir até à firma construtora explicar os nossos motivos. Trabalho perdido Totó ter chegado são, salvo e sozinho à outra banda do rio. Trabalho perdido ela ter saído da roça onde havia nascido com todos os seus irmãos e vir para a cidade buscar melhoria de vida. Trabalho perdido! Começava também a achar que tudo era mesmo trabalho perdido. A vida para ele, para ela e para os que tinham vindo antes, tudo realmente havia sido trabalho perdido? Mas não podia ser! Relembrou de seu avô chorando enquanto ela dava pulos acabitados e dos motivos da dor do velho. A saudade que ele dizia ter de sua filha Ayaba. Nas lembranças, encontrou sua mãe que tinha um lado do corpo esquecido e seu pai, o louco Luisão da Serra. Lembrou-se da pequena localidade em que havia nascido, Serra do Cipó, e viu a sua vida toda retorcida em dores, como um emaranhado cipó. Olhou Totó, seu companheiro, cada vez mais desesperançado e por isso mais e mais envelhecido. Não, ela não queria entregar os pontos. Era preciso seguir segurando a vida. Havia as crianças, as das irmãs e as outras. Não! A vida não podia ser assim sempre, uma repetição doida! Quem sabe, sair da favela, ir para outros lugares. Outra favela, talvez? Quem sabe, a vida tivesse e guardasse algum sentido?... (EVARISTO, 2017, p. 142-143)

Neste trecho, pode-se observar Maria-Velha, a tia da narradora Maria-Nova, que, ao observar Tio-Totó reclamar, começa a questionar a vida e sua vivência entre o desespero e a resignação de só reerguer barracos, mas no fim as suas lutas em busca de uma vida melhor são perdidas e não valem a pena. Além disso, Maria-Velha faz uma reflexão do passado de sua infância, na qual a escravização era muito presente, perdendo sua mãe vendida e nunca mais vista, tendo apenas a lembrança do seu avô dizendo o quanto ela parecia com a sua mãe. Porém, ela tenta encontrar um objetivo, pois não quer viver a vida de repetições. Algo precisaria mudar. A desesperança às vezes encontrava a narrativa da obra, mas sempre vai

haver uma faísca de reflexão em torno da busca do significado, tendo-se uma dualidade entre o desânimo e a esperança que reflete a condição da vida humana.

Maria-Nova, no próximo trecho, está bastante triste ao ver o avanço do desfavelamento, ao observar casas sendo desmoronadas e seus amigos irem embora:

Na semana anterior, a matéria estudada em História fora a “Libertação dos Escravos”. Maria-Nova escutou as palavras da professora e leu o texto do livro. A professora já estava acostumada com as perguntas e com as constatações da menina. Esperou. Ela permaneceu quieta e arredia. A mestra perguntou-lhe qual era o motivo de tamanho alheamento naquele dia. Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. Tinha para contar sobre uma senzala de que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida. A professora pediu que ela explicasse melhor, que contasse em mais detalhes. Maria-Nova fitou a professora, fitou seus colegas: havia tantos, aliás, alguns eram até amigos. Fitou a única colega negra da sala e lá estava a Maria Esmeralda entregue à apatia. Tentou falar. Eram muitas as histórias, nascidas de uma outra História que trazia vários fatos encadeados, consequentes, apesar de muitas vezes distantes no tempo e no espaço. Pensou em Tio Totó. Isto era o que a professora chamava de homem livre? Pensou em Maria-Velha, na história do avô dela, pensou no próprio avô, o louco do Luisão da Serra. Pensou em Nega Tuína, em Filó Gazogênia, em Ditinha. Pensou em Vó Rita, na Outra e em Bondade. Pensou nas crianças da favela: poucas, pouquíssimas, podia-se contar nos dedos as que chegavam à quarta série primária. E entre todos, só ela estava ali numa segunda série ginasial, mesmo assim fora da faixa etária, era mais velha dois anos que seus colegas. E ainda estava em via de parar de estudar, a partir do momento em que tivesse que mudar da favela. Pensou em Negro Alírio e reconheceu que ele agia querendo construir uma nova e outra História. (EVARISTO, 2017, p. 151)

Aluna crítica que questiona quase todas as coisas, o trecho mostra a reflexão em torno sobre a matéria de história. Quando estão estudando a libertação dos escravos, Maria-Nova questiona se a libertação dos escravizados realmente foi verídica e se essa liberdade tem melhorado a vida dos afrodescendentes, tendo em vista que muitos negros e negras estão em situações precárias, como na favela. A questão da desigualdade social em comunidades marginalizadas, assim como visto no trecho, é muito recorrente nas escritas de Conceição Evaristo.

O que também se faz interessante é a relação que Maria-Nova faz da escravidão com as pessoas da favela que ela conhece. Assim como sua família e os diversos amigos que convivem com ela, existe uma conexão de história pessoal e individual se interligando com a história de modo geral.

Também se salienta que a educação nas periferias é muito precária e é algo que as políticas públicas não investem, na qual a realidade das crianças periféricas no âmbito educacional é preocupante. Aqui, Negro Alírio é trazido como alguém que busca mudar a sua realidade para mobilizar-se socialmente em busca de mudanças positivas. Todavia, há um questionamento: será que em algum momento a menina iria conseguir (sobre)viver?

“Morrer de não viver”, a ameaça de Cidinha-Cidoca pairou por alguns instantes na cabeça de Maria-Nova. Ela começou por desmanchar as mil tranças de seu cabelo como se desmanchasse aquele mortífero pensamento. O coração arfava no peito. Maria-Nova olhou-se no pedaço de espelho. Sentiu-se bonita e triste como a mãe. Fez um carinho no próprio rosto. Não, ela jamais deixaria a vida passar daquela forma tão disforme. Era preciso crer. Vó Rita, Bondade, Negro Alírio não desesperavam nunca. Não pensaria mais na ameaça de Cidinha-Cidoca. Era preciso viver. “Viver do viver”. A vida não podia se gastar em miséria e na miséria. Pensou, buscou lá dentro de si o que poderia fazer. Seu coração arfava mais e mais, comprimido lá dentro do peito. O pensamento veio rápido e claro como um raio. Um dia ela iria tudo escrever. (EVARISTO, 2017, p. 160)

Morrer de não viver é um paradoxo que existe e se concretiza quando a vida consegue se constituir de nenhum propósito, perspectiva vivida por Cidinha-Cidoca, que não tinha muito propósito de vida. A personagem aparece como alguém que já sofreu muito na favela, não tendo mais esperanças sobre mudanças. Maria-Nova teme que isso aconteça com ela, mas, ao refletir, enxerga que não vai deixar que mude o pensamento de dias mais brandos, reconhecendo a relevância de acreditar e evitar que o desespero se apodere da sua vida. Ponderando que Vó Rita, Bondade, Negro Alírio e tantas outras pessoas não desistiram, ela busca viver intensamente por ela e pelo os que estão ali. Ao final, mostra-se como em outros trechos a necessidade que Maria-Nova tem de escrever de compartilhar as histórias e experiências dos outros para se tornar de certa maneira um exemplo de inspiração na favela.

O desfavelamento estava quase completo. As famílias já estavam quase todas alocadas em outros lugares; a destruição do espaço era nítida, mas as memórias que se formularam perante aqueles becos ainda estavam intactas:

Os caminhões chegavam de manhã e até tarde da noite levavam as famílias. Todos já estavam mesmo querendo partir. A vida tinha se tornado insuportável. Áreas da favela estavam desertas. Ir de um local a outro havia se tornado um perigo. As pessoas estavam temerosas de si e dos outros. Até o amigo podia ser um inimigo em potencial. Havia o perigo real e o perigo imaginário. As

mulheres e as crianças, para buscarem água à noite, só andavam em grupo, e este afazer tomava até altas horas da madrugada. O medo do invisível se apoderou de nós. Não tínhamos certeza de mais nada. Começaram a surgir então as assombrações vistas e vindas do fundo do nosso outro medo. Pessoas nossas queridas que tinham falecido havia tanto tempo, ou mais recentemente, serviam para extravasar nossos temores. Era um medo que talvez viesse de situações mais concretas, como a mudança de um local que de certa forma amávamos e criamos como nosso. (EVARISTO, 2017, p. 166)

Depois de criar várias narrativas que exploravam sua própria história como um texto biográfico, Maria-Nova contemplou uma das últimas imagens que teria da favela. Nessa cena, a favela se apresentava deserta, perigosa e desaconselhável para se continuar morando, além de evocar um aspecto espiritual que revelava o medo que as pessoas sentiam, particularmente aquelas que não conseguiram partir e aqueles que já haviam falecido. A mudança, como muitas vezes acontece, trouxe consigo sentimentos de angústia. Houve, assim, a dor da separação dos laços afetivos. Maria-Nova não foi exceção a esse sofrimento.

### **3.2 O ensino de história e cultura afro-brasileira em becos de memória de Conceição Evaristo.**

O ensino de história, quando se vale da produção literária de mulheres negras, assume uma importância significativa na compreensão dos espaços. Isso ocorre porque a integração da literatura na educação histórica proporciona uma abordagem equitativa. Um exemplo notável disso pode ser encontrado no livro 'Becos da Memória', de Conceição Evaristo, que busca estimular a reflexão entre os alunos a respeito das memórias. Segundo Spina e Serrato (2015, p. 101), "A memória é um suporte da história", ou seja, o suporte da memória desempenha um papel fundamental na preservação das lembranças do passado, sejam elas memórias individuais ou coletivas. Isso é especialmente relevante ao abordar a identidade negra e as adversidades enfrentadas por descendentes afro-brasileiros em uma sociedade que muitas vezes não oferece o apoio necessário. Compreender a experiência dos afro-brasileiros é essencial, e a literatura tem historicamente desempenhado um papel crucial nesse contexto, particularmente como um recurso valioso para a educação das juventudes no nível de ensino médio. Nesse contexto, compreende-se que:

O ensino de história pode utilizar a Literatura para discutir com os alunos como os autores literários constroem as representações de um passado (i)memorial ou mesmo de um futuro ficcional para dialogar com o presente. Além disso, é um meio para estudar diferentes discursos apresentados num tempo, o erudito e o popular, o conservador e o progressista, o reacionário e o revolucionário. (ABUD; SILVA; ALVES, 2010. p. 46)

Assim, o ensino de história vai se utilizar de caminhos investigativos para se entender as mudanças do mundo, mostrando que a literatura não é apenas um reflexo do tempo em que foi escrita, como é possível observar na obra da autora Conceição Evaristo em "Becos da Memória", pois dialoga como uma ferramenta que explora e discute a complexidade das relações com o passado quando se fala da escravidão, do presente na vida de favela dos diversos personagens já apresentados, e com o futuro pela busca de uma vida melhor. Aqui, os alunos podem entender melhor as diferentes opiniões e pontos de vista que contribuem para a vida das pessoas afro-brasileiras e sua cultura.

É relevante reconhecer que o ensino, quando baseado em escritoras negras, proporciona uma oportunidade para uma reflexão crítica sobre as biografias que são apresentadas ao longo da vida dos alunos. Isso abre caminho para uma abordagem mais abrangente da representação do povo negro nas favelas e além. A autora Chimamanda Ngozi Adichie enfatiza a importância de explorar diversas narrativas para evitar ficar limitado a uma única perspectiva ao longo da vida. Desse modo, é importante compreender que a limitação a uma única história pode ser prejudicial nos incentiva a adotar uma abordagem educacional mais aberta e inclusiva, incorporando uma perspectiva decolonial no ensino. Adichie (2019, p. 16-17) afirma também que "Quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso" assim, a autora nos lembra que cada indivíduo, cada cultura e cada lugar têm múltiplas histórias que merecem ser ouvidas e compreendidas. Ao reconhecer essa multiplicidade de narrativas, podemos alcançar uma visão mais rica e completa do mundo, e isso nos levará a um estado de "paraíso", onde a compreensão, a empatia e a apreciação pelas diversas formas podem florescer e conseguir desconstruir estereótipos criados ao longo da história.

Nesse contexto, ao educar os jovens no ensino médio para que pensem a igualdade racial em detrimento a desigualdade social no Brasil, podemos observar que a obra 'Becos da Memória' oferecerá reflexões pertinentes tanto para o momento

histórico como para a realidade atual, apresentando diversas vivências e resistências. Nesse sentido, a integração dessa obra no currículo do ensino médio está alinhada com a Lei 10.639, que preconiza a implementação de uma educação voltada para as questões étnico-raciais.

A Lei Nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003 é uma nova medida a se concretizar com uma atualização da Lei 9.394/96 com o acréscimo do 26-A e 79-B,

Art. 26- A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'<sup>2</sup>

A Lei 10.639/2003 visa ao ensino de história e à cultura de africanos e afro-brasileiros no ensino fundamental e médio. Nesse cenário, é importante observar que ainda existem algumas problemáticas em torno da implementação da Lei no currículo escolar. Tendo em vista que a escola brasileira é branca, o currículo ainda é o mesmo da época colonial, tendo a história positivista e os grandes heróis como marco do ensino de história. Desse modo, a falta da representatividade é uma problemática que precisa ser analisada, principalmente sabendo que o povo negro é o que mais sofre com a exclusão educacional. A efeito de exemplo, muito da história contada nos livros didáticos sobre o povo negro diz respeito apenas à escravidão, como se este período histórico fosse a única coisa a ser contada nas escolas. É importante que a implementação da Lei 10.639/2003 mude a percepção que as pessoas têm sobre as pessoas negras. Contudo, é notável que a formação socioeducativa se dê de maneira clara e eficiente, sabendo que no Brasil existem grandes défices, pois a desinformação, na maioria das vezes, é um problema para a formação de inclusão dos jovens do ensino médio.

---

<sup>2</sup> BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003a, p.01. ([http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm))

No Brasil, a educação, de modo geral, e a formação de professores, em específico - salvo exceções -, são permeadas por uma grande desinformação sobre a herança africana e sobre as realizações do negro da atualidade. (MOREIRA; CANDAU, 2010, p. 74)

A implementação da história e cultura africana e afro-brasileira na sala de aula ainda enfrenta obstáculos, destacando a importância da formação conjunta de professores e gestores. Isso é essencial para que se compreenda o movimento negro, reconheça-se sua relevância, conquistas e compreenda-se como essa abordagem enriquece a percepção e o pensamento crítico dos alunos em sala de aula, abordando a trajetória e cada vez mais conquistando espaços aos quais os negros(as) devem pertencer. A história vista de baixo também é importante para se compreender a história das minorias sociais. Assim, as lutas afirmativas desse povo fazem com que a educação busque uma equidade perante o ensino de história, sobretudo em conjunto com a literatura.

A conquista da Lei ocorreu também através dos movimentos negros, sendo uma reafirmação de vários tempos de lutas históricas, contando a história que a história não é contada. Existem muitos desafios para a escola se transformar e ser racializada, pensando através da Lei 10.639/2003, com um olhar descolonizador, enegrecendo a sala de aula. Desse modo, Moreira e Candau afirmam que “a escola, sobretudo a pública, exerce papel fundamental na construção de uma educação antirracista” (MOREIRA; CANDAU, 2010, p. 69) Consequentemente, a formação do cidadão é responsabilidade da escola, para a formulação de uma representação coerente e incentivadora dos afro-brasileiros.

Além disso, por meio da produção literária de mulheres negras afro-brasileiras, traçam-se trajetórias de pesquisa na luta contra o racismo, reinterpretando a história da perspectiva das margens e contribuindo para uma reconstrução da identidade brasileira. Isso destaca que a superação do racismo é uma responsabilidade de toda a sociedade, não se limitando apenas às pessoas negras, mas abrangendo todas as diversidades, promovendo assim uma comunidade democrática e reavaliando a questão das desigualdades sociais, possibilitando, portanto, que o ensino de história para as juventudes seja feito de acordo com a leitura de mundo ficcional, mas atuando como fonte interdisciplinar através da história cultural. Então, na visão de Moraes (2004),

Nas aulas de história, a literatura tem o poder de materializar o perspectivismo e o relativismo dos conceitos e comportamentos humanos. É ferramenta essencial de compreensão da realidade histórica, porque traz informações de pontos de vista singulares, de grupos intelectualizados de aspectos sociais e individuais (MORAES, 2004, p. 105)

Dito isto, a literatura é fundamental para o ensino de história, pois ela pode representar diferentes perspectivas, revelar a complexidade dos conceitos humanos e enriquecer nossa compreensão da realidade histórica ao oferecer visões singulares de aspectos sociais e individuais. Em essência, a literatura complementa os registros históricos tradicionais, tornando a história mais acessível e envolvente. A escrita de “Becos da Memória” como literatura de uma escritora afro-brasileira que fala sobre a *escrevivência* articulada com a Lei 10.639/2003 promove, portanto, uma educação inclusiva e crítica.

A obra 'Becos da Memória', de Conceição Evaristo, aborda de forma significativa a luta contra o racismo e instiga um debate sobre como as memórias da comunidade negra desempenham um papel primordial na educação de forma equânime. Ela nos apresenta maneiras de compreender a busca obstinada por uma vida melhor, apesar dos desafios que permeiam as narrativas. Ao final, percebe-se que Maria-Nova consegue compartilhar suas próprias memórias e as memórias de seu povo, transmitindo a ancestralidade, a dolorosa experiência da escravidão e a vivência na favela. Nesse cenário, a favela e a escrita emergem como elementos centrais na obra de *escrevivência* que compõem a biografia da narradora Maria-Nova na literatura de Conceição Evaristo. Portanto, podemos notar a situação de vulnerabilidade social, ao mesmo tempo em que ressaltamos a importância social e histórica da afirmação do povo negro por meio de políticas afirmativas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação de mulheres negras na literatura é fundamental para explorar diversos aspectos, especialmente ao considerar as conquistas das autoras negras ao terem suas obras publicadas. Isso é particularmente significativo, pois, ao longo da história, as mulheres negras foram frequentemente invisibilizadas em um contexto brasileiro marcado pela colonização, onde as estruturas sociais e educacionais foram predominantemente moldadas por vozes brancas.

Por isso, esta pesquisa também é uma denúncia em forma de reflexão, pois mesmo tendo em vista o fato de que diversas conquistas foram pautadas, ainda existem muitas demandas a serem feitas pelas políticas públicas. Aqui, também foi possível analisar que a Lei 10.639/2003, que faz margem de 20 anos, foi uma grande conquista para se compreender nas escolas de ensino básico a história e cultura afro-brasileira. Porém, ainda com 20 anos de implementação da Lei, diversas escolas não tratam do assunto, muitas vezes por falta de formação contínua a qual tenha como base a visibilidade da cultura afro-brasileira.

A discussão dessa pesquisa é importante para enxergar que, na historiografia, permeando a história cultural faz-se necessário o diálogo interdisciplinar entre literatura e história no ensino, e isto se configura como uma nova maneira de compreender o sócio-histórico. A escrita de mulheres negras, como foi abordado ao longo deste trabalho, é entendida como um ato de resistência. A ficção composta na obra faz associação à história do tempo presente com lutas e conquistas, tendo em vista a persistência da desigualdade social em oposição ao ideal de igualdade social, que faz com que uma boa parte da população negra viva à margem da sociedade. Foi possível perceber os percursos historiográficos da história cultural, entendendo as perspectivas e possibilidades para se estudar a história e a literatura de forma interdisciplinar, na qual a literatura como fonte faz refletir as memórias e visões de mundo.

A seleção da obra literária foi influenciada por leituras realizadas durante o projeto de iniciação científica "Escritoras negras em narrativas que educam sobre a África e os Afro-brasileiros" permitindo o conhecimento mais aprofundado da autora Conceição Evaristo, que desempenhou um papel significativo como fonte bibliográfica, despertando a curiosidade em explorar outras obras de sua autoria. Foi nesse contexto que surgiu a identificação com "Becos da Memória", uma obra que

aborda a experiência do povo negro em situações de favela, destacando a escrita como meio de resiliência.

No campo do ensino, a obra feminina de autoria de Conceição Evaristo enriquece a perspectiva literária e desenvolve um papel importante no desenvolvimento educacional, em que se promove inclusão, consciência crítica e entendimento intercultural. As diversas vozes e experiências que estão nestas vozes ausentes, que por muito tempo foram silenciadas, favorecem a compreensão dos leitores sobre a diversidade de mundo e a promoção de empatia. Além disso, há a desconstrução do preconceito e o empoderamento sobre contar histórias mundiais e locais para as comunidades negras, estimulando a leitura para os jovens, uma vez que, muitas vezes, suas vivências refletem suas vidas e vão se sentindo mais motivados a ler, estimulando e desenvolvendo habilidades aos alunos com as narrativas que fazem pensar, para além disso, a inclusão no currículo escolar da literatura ajuda a evitar a exclusão das vozes importantes da história com a literatura e por fim o diálogo intercultural que os alunos engajam a valorização da diversidade.

A escola, em seu contexto, sempre vai abordar temas como o racismo, e é importante que a visão que a juventude tenha das pessoas negras não seja só em contexto de escravização, mas também a de que estas pessoas lutaram para chegar até o local que estão hoje. Melhor dizendo, isto se refere à conquista de ainda mais espaços, como pode ser observado na literatura de Conceição Evaristo, como em tantas outras escritas. A fonte literária prepara alguns sentidos no diálogo com o ensino de história, dando a possibilidade de apresentar a educação para consolidar os olhares históricos e sociais que permeiam a sociedade brasileira e a compreensão das representações.

Considero que essa pesquisa contribui para o curso de licenciatura plena em história na Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, em sua linha de pesquisa 8: História e ensino, em um vasto campo, abordando as construções de identidades das mulheres negras enquanto autoria feminina, que trouxe, por meio de sua narrativa, contribuições para a representação destes grupos sociais, das memórias e das sensibilidades que perpassam algumas problemáticas necessárias ao curso de licenciatura, principalmente ao analisar como está o ensino de história nas escolas e a relevância de mostrar a maneira intrínseca dos caminhos investigativos acerca da educação das juventudes relacionando com a Lei 10.639/2003.

## REFERÊNCIAS

AURÉLIO, Oliosí. Pallas Editora. Becos da memória. **You tube**. 11 de dez. de 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=CwGID\\_ymQUs](https://www.youtube.com/watch?v=CwGID_ymQUs).

ABUD, Katia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de História**. 1a. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010. v. 1.

ABREU, Maurício. VAZ, Lilian. Sobre as origens da favela. **Anais do IV Encontro Nacional da ANPUR**, 1991.

ABREU, Maurício. Evolução Urbana do Rio de Janeiro. **IPLANRIO**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1988.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANSEL, Thiago. A favela e suas luminosidades na História Cultural. **Ponta de Lança**, São Cristóvão, v.7, n. 13 out. 2013 – abr. 2014.

BARROS, José D' Assunção. **A expansão da História** / José D' Assunção Barros. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BARROSO, Milena Fernandes. Notas para o debate das relações de exploração-opressão na sociedade patriarcal-racista-capitalista. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 133, p. 446-462, set./dez. 2018.  
<http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.153>.

BORGES, Dr. Valdeci Rezende. história e literatura: Algumas Considerações. **Revista de Teoria da História** Ano 1. Número 3, junho/ 2010. Universidade Federal de Goiás ISSN: 2175-5892.

BERND, Ziá. O literário e o identitário na literatura afro-brasileira. **Revista língua & Literatura**. Frederico Westphalen, v. 12, n. 18, p. 33-44. Dez. 2009.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin, 1886-1944. **Apologia da História, ou, O ofício do historiador** / Marc Bloch; prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática &quot;História e Cultura Afro-Brasileira&quot;, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003a, p.01.  
([http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm))

BURKER, Peter. **A Escrita da história**: novas perspectivas. tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP 1992.

CASTELLS, Manuel, 1942 — **O poder da identidade** / Manuel Castells; tradução Klaus Brandini Gerhardt. — São Paulo: Paz e Terra, 1999

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. O ensino, a História e a Lei 10.639. **História & Ensino**, Londrina, v. 10. p. 41-52, out. 2004.

CAIMI, F. E. Cultura, memória e identidade: o ensino de história e a construção de discursos identitários. In: SILVA, C. B.; ZAMBONI, E. (Orgs.). **Ensino de História, memória e culturas**. Curitiba, CRV, 2013, p. 17-33

CANDAU, Vera Maria. **Reinventar a escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CERTEAU, Michel de, **La culture au pluriel, Paris, Union Générale d'Éditions**, 1974 (Tradução de Enid Abreu Dobránszky. São Paulo, Papyrus, 1995).

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe** [recurso eletrônico] / Angela Davis; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, Número 23, p. 113-138, julho/dezembro. 2010.

DUARTE, Mel. **Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta** (org); ilustrações de Leila Brandão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

EVARISTO, Conceição, 1946- **Becos da memória**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Pallas, 2017.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminina negra decolonial. **Tempo e argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e012, jan/abr. 2020

GONZÁLEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-americano. Caderno de formação política do círculo Palmarino n.1 Batalhas de Ideias. **AfroLatinoAmérica**. Brasil. 2011

GRECCO, Gabriela Lima. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação”. **Revista Brasileira de História & Ciências sociais**, v.6, nº11, 2014.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 15. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021. 209 p.

**Interseccionalidade** [recurso eletrônico] / Patricia Hill Collins, Sirma Bilge ; tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.

LIMA, Nathalia Diorgenes Ferreira. Preto é o lugar onde eu moro: o racismo patriarcal brasileiro. **R. Katál**. Florianópolis, v.25, n. 2, p. 242-251, maio-ago. 2022 ISSN 1982-0259.

LOBO, Luiza. Crítica sem juízo. **2 ed. revista**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007

MACHADO, B. A. Escre(vivência): a trajetória de Conceição Evaristo. **História Oral**, 17(1), 243–265, 2014.

MORAES, Dislane Zerbinatti. A “tagarelice” de Macedo e o ensino de História do Brasil, **História**. V. 23, 1-2, Franca, 2004.

MOREIRA, A.F.; CANDAU, V. M. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Mariana Camargo D’; CAMARGO, Maria Aparecida Santana. A interseccionalidade entre gênero e raça para a construção étnico-identitária das mulheres negras. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X.

OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. As “favelas”, uma invenção cultural e política: uma análise comparada da representação da pobreza urbana no rio de janeiro e em belo horizonte (1897-1920. **Revista de História Comparada - Programa de Pós-Graduação em História Comparada-UFRJ** <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada> - ISSN: 1981-383X

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural** / Sandra Jatahy Pesavento - 2.ed. 2 reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 132p. (Coleção História &... Reflexões, 5)

REIS, Adriana Dantas. GÊNERO: UMA CATEGORIA ÚTIL PARA A HISTÓRIA DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais** • Aracaju • V.6 • N.2 • p. 11 - 28 • Out. 2017.

Roger Chartier, 1988 e Cornell University Press, 1982; Editions du Centre Georges Pompidou, 1987; Editions Flammarion, 1985; Institute de Cultura Portuguesa, 1987; Editions Garnier et Freres, 1986; Promodis, 1984; Pergamon Press, 1986; Ecole Française de Rome, 1985.

SANTOS, Milton. Ser negro no Brasil hoje. Ética enviesada da sociedade branca desvia enfrentamento do problema negro. **Folha de São Paulo**, 07 de maio de 2000.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro: as vistorias das identidades do negro brasileiro em ascensão social** / Neusa Santos Souza. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOARES, M.C; JORGE, G.L.S. Mulher negra na literatura: A palavra como instrumento de luta e resistência, **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, Brasil, v. 29, n.3, p. 27-46, set/dez., 2020.

SPINA, Gabriel Luis; SERRATTO, Edgar Bruno Franke. Patrimônio histórico cultural: uma revisão bibliográfica. **Educação, Batatais**. v. 5. n. 3. p. 99-116. 2015.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. **Raído**, Dourados, MS, v. 10, n. 21, jan/jun. 2016.

VEIGA, Ana Maria. Uma virada epistemológica feminina (negra): Conceitos e debates. **Tempos e Argumento**. Florianópolis, v. 12, n. 29, e0101, jan/abr.2020.

VORRABER, Marisa. **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa para educação**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.